

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IFRR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA MACUXI:
NARRATIVAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PARA
VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NO ESTADO DE
RORAIMA.**

Adine da Silva Ramos

Dissertação
Mestrado em Educação
Boa Vista/RR

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA

Adine da Silva Ramos

**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA MACUXI: NARRATIVAS DO
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE
ÉTNICA NO ESTADO DE RORAIMA.**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Roraima e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maristela Bortolon de Matos
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a. Carmem Véra Nunes
Spotti

Copyright © 2021 by Adine da Silva Ramos

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0946
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R175gRamos, Adine da Silva.

Gramática Pedagógica da Língua Macuxi: narrativas do processo de construção para valorização da identidade étnica no estado de Roraima. / Adine da Silva Ramos. – Boa Vista (RR) : UERR, 2021. 86f. : il. Color 30 cm.

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Roraima e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Maristela Bortolon de Matos.

1. Língua Indígena Macuxi2. Identidade3. Autobiografia4.Roraima. Matos, Maristela Bortolon de (orient.) II.Spotti, Carmem Véra Nunes (co-orient.) III. Universidade Estadual de Roraima – UERRIV. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRRV. Título

UERR.Dis.Mes.Edu.2021CDD – 498.114

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Letícia Pacheco Silva – CRB 11/1135 – RR

FOLHA DE APROVAÇÃO

ADINE DA SILVA RAMOS

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual de Roraima – UERR e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientado pela Prof^a. Dr^a Maristela Bortolon de Matos.

Aprovado em: 25/05/2021

Banca Examinadora



PROF^a. DR^a. MARISTELA BORTOLON DE MATOS
Orientadora
IFRR



PROF^a. DR^a. ROSELI BERNARDO SILVA DOS SANTOS
Membro Titular Interno
IFRR



PROF. DR. JONILDO VIANA DOS SANTOS
Membro Titular Externo
UFRR

Boa Vista – RR

2021

DEDICATÓRIA

Em memória dos meus queridos pais, Arseno Ramos e Otília da Silva, dedico este trabalho ao meu Povo Indígena Macuxi, do Estado de Roraima.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao supremo Deus que criou os céus e a terra, porque me deu fôlego para conseguir respirar, me deu forças, coragem e ânimo para concluir o meu trabalho.

Agradeço ao meu companheiro de 24 horas, o meu amado esposo Edinaldo Gustavo Marcolino, por me ajudar incansavelmente em tudo que precisei e por suportar por muitas vezes a minha ausência na sua vida por causa do meu estudo.

Agradeço aos meus queridos filhos: Jardson Semaias Ramos Marcolino, que com seu carinho me levantava o ânimo, a Estelly Aldine Ramos Marcolino que dava a segurança com sua dedicação ao estudo e o Eliézer Alan Ramos Marcolino, que com sua determinação de ser professor me enchia de coragem para seguir meu estudo. E ao meu sobrinho, Arceno Ramos Neto, que sempre me deu apoio me ajudando nos afazeres da minha casa. Não poderia deixar de agradecer ao meu amigo Jhylnerd Felipe Cruz que desde o primeiro momento para estar no mestrado me ajudava fazendo os slides dos meus trabalhos e me dava carona para chegar à universidade.

Agradeço as minhas noras Diara Souza Silva e a Deyse da Silva, por me fazer companhia em Boa Vista e dá a alegria de ser avó. E com imensa gratidão, agradeço ao meu príncipe, meu neto Lorenzo Emanuel Souza Marcolino (Lolinho) que me trouxe muitas felicidades e me deu mais vigor para continuar o estudo sem me cansar tanto e minha neta, Allana Vitória Silva Marcolino (Laninha) que veio ao mundo na época da pandemia mais saiu vitoriosa da UTI da maternidade por apresentar problemas neurológicos.

Agradeço também ao meu querido professor Jonildo Viana dos Santos, aquela pessoa que não me deixava pensar em fraqueza estudantil. Minhas colegas, Lívia Késsia da Silva Rocha Soares, Sandra do Nascimento Moura e a toda turma do mestrado em educação de 2019. A minha comunidade de Contão, por ter me dado apoio no meu afastamento da sala de aula para estudar.

A minha inesquecível orientadora Maristela Bortolon de Matos, mulher que nunca deixou de responder as minhas mensagens, meus pedidos, e que

me ajudou a conseguir concluir os passos solicitados no mestrado, aos queridos professores do curso, especialmente a Roseli Bernardo Silva dos Santos e a Carmem Verá Nunes Spotti por ter me compreendido enquanto acadêmica e ser humano. A minha companheira Edite da Silva Andrade, que me motivou a ingressar no mestrado.

Enfim, meu agradecimento vai a todos os povos indígenas que direta ou indiretamente contribuí para minha formação no mestrado e especialmente aos colegas professores autores da gramática pedagógica da língua Macuxi.

Obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um relato autobiográfico sobre a minha experiência no processo de elaboração de uma “Gramática Pedagógica da Língua Macuxi” para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas indígenas que tem a língua macuxi. Relato o processo da construção desse árduo trabalho detalhando passo a passo, tendo o foco a reflexão sobre a minha prática profissional na educação escolar indígena, ao longo de uma década visando acima de tudo à valorização da identidade indígena no Estado de Roraima. A gramática foi construída em três partes: primeira parte, a descrição do processo da construção da gramática; a segunda consta os relatos das atividades produzida que efetivamente possibilitarão a valorização de língua indígena e a terceira, a descrição da culminância da construção da gramática Pedagógica da Língua Macuxi. A construção da gramática pedagógica na língua macuxi, tende a consolidar a busca pelo empoderamento do povo macuxi frente à sociedade roraimense. O corpo da dissertação está dividido em Caminhos Metodológicos: Interpretação dos Fenômenos a Luz das Interações e Vozes Ancestrais; A Dimensão Contextual das Terras do Povo de Makunaima; A Educação Escolar Indígena e os Percursos de Formação de Professores; Síntese de minha Autobiografia: Caminho da Vida Profissional para Educação Escolar Indígena; A Construção da Gramática Macuxi: Um Olhar Descritivo sobre fazeres, saberes e escuta das narrativas orais e as Considerações finais. Com a autobiografia refletiu-se sobre a identidade indígena, a capacidade e possibilidade da elaboração de material para atender a realidade específicas da educação indígena, onde, inclusive o processo de elaboração, condiz com a forma cultural dos indígenas. Oportunizou minha reconstrução como indígena, docente e pessoa.

Palavras-chave: Língua Indígena Macuxi. Identidade. Autobiografia

RESUMEN

Esta investigación presenta un relato autobiográfico de mi experiencia en el proceso de desarrollo de una "Gramática Pedagógica de la Lengua Macuxi" para su uso en la enseñanza de la Lengua Macuxi en las escuelas indígenas que tienen la lengua Macuxi. Reporto el proceso de construcción de este arduo trabajo, detallándolo paso a paso, enfocándome en reflexionar sobre mi práctica profesional en la educación escolar indígena, a lo largo de una década apuntando sobre todo a potenciar la identidad indígena en el estado de Roraima. La gramática se construyó en tres partes: primera parte, la descripción del proceso de construcción de la gramática; el segundo contiene los informes de las actividades producidas que permitirán efectivamente la valorización de la lengua indígena y el tercero, la descripción de la culminación de la construcción de la gramática pedagógica de la lengua macuxi. La construcción de la gramática pedagógica en lengua macuxi tiende a consolidar la búsqueda del empoderamiento del pueblo macuxi frente a la sociedad roraima. El cuerpo de la disertación se divide en Caminos Metodológicos: Interpretación de Fenómenos a la Luz de Interacciones y Voces Ancestrales; La dimensión contextual de las tierras del pueblo Makunaima; Itinerarios de educación escolar y formación docente indígena; Resumen de mi autobiografía: modo de vida profesional para la educación escolar indígena; La construcción de la gramática macuxi: una mirada descriptiva a los hechos, el conocimiento y la escucha de narrativas orales y consideraciones finales. La autobiografía reflexionó sobre la identidad indígena, la capacidad y posibilidad de elaborar material para atender la realidad específica de la educación indígena, donde, incluido el proceso de elaboración, es consistente con la forma cultural del pueblo indígena. Me dio la oportunidad de reconstruirme como indígena, maestro y persona.

Palabras llave: Lengua indígena Macuxi. Identidad. Autobiografía

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Damorida e Caxiri à Mesa.....	55
Imagem 2 – Representação da Dança Parixara.....	56
Imagem 3 – Dança do Parixara nas Serras.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Cronograma das Atividades.....	50
Quadro 2 Palavras na Língua Macuxi.....	53
Quadro 3 Palavras com X na Grafia.....	54
Quadro 4 <i>Anku'pî</i> (Exercício).....	58
Quadro 5 Uso do p e d b.....	58
Quadro 6 Lição 1.....	79
Quadro 7 Lição 2.....	79
Quadro 8 Lição 3.....	79
Quadro 9 Lição 4.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	18
1. CAMINHOS METOLÓGICOS: INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS A LUZ DAS INTERAÇÕES E VOZES ANCESTRAIS	18
CAPÍTULO II	25
2. A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS TERRAS DO POVO DE MAKUNAIMA	25
CAPÍTULO III	28
3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E OS PERCURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	28
3.1 A Educação Escolar Indígena em Roraima	30
3.2 A formação continuada de professores indígena na Educação Escolar Indígena	32
3.3 Língua Indígena	37
3.4 O Professor Indígena	40
3.5 Desafios do Professor Indígena	41
3.6 A cultura, a identidade e o professor indígena	42
CAPÍTULO IV	44
4. SÍNTESE DE MINHA AUTOBIOGRAFIA: CAMINHO DA VIDA PROFISSIONAL PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	44
CAPÍTULO V	47
5. A CONSTRUÇÃO DA GRAMÁTICA MACUXI: UM OLHAR DESCRITIVO SOBRE FAZERES, SABERES E ESCUTA DAS NARRATIVAS ORAIS.	47
5.1 O caminhar nas interações coletivas e vozes para a construção da fala no papel	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS	86

INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena no Brasil percorreu diferentes períodos históricos. Desde o Brasil Colônia com a chegada dos Jesuítas no meado de 1549 até os dias atuais a educação indígena passou por várias situações e experiências que foram vivenciadas pelos povos indígenas durante todo o processo de escolarização. Ainda no período colonial o foco principal era que os povos indígenas fossem totalmente dominados e essa dominação durou até o século XX. O indígena era levado a adquirir uma escolarização inadequada, haja vista, que não existia o respeito a diversidade cultural, linguística e étnica. É verdade que essa situação vem mudando aos poucos. Ainda é perceptível uma imposição por parte dos sistemas de ensino, seja nacional ou estaduais, de uma educação escolar onde dificulta a autonomia para as escolas desenvolverem um currículo específico e diferenciado na prática. O primeiro ensino dado aos povos indígenas foi aplicado pelos Jesuítas e as crianças tinham uma educação em que usavam a catequese como um meio de educá-los.

Em dias atuais, a educação escolar indígena tem a possibilidade de ter uma Educação Escolar Indígena Específica, diferenciada e de qualidade, a fim de contemplar todos os aspectos históricos, sociais e culturais, mas ainda tem muitos desafios a serem vencidos. O desafio à educação escolar indígena no Brasil é apontado pelas lutas e movimentos que inúmeras vezes resultaram em vitórias, mas também em perdas e destruições até mesmo em mortes. Assim, para se pensar numa educação é preciso compreender a sua história e o desenvolvimento de ensino até a conquista da primeira escola formal, quem foram seus aliados e quando a educação escolar indígena aparece de fato no cenário da educação brasileira.

No estado de Roraima, ao longo dos anos, o povo indígena vem lutando para que a Educação Escolar Indígena seja realmente Específica e Diferenciada. Em meio às lutas, vários professores têm expressado preocupações sobre a falta de material, principalmente escrito na Língua Macuxi para o ensino da Língua Macuxi nas escolas. Por isso, a iniciativa de

elaborar uma gramática pedagógica da Língua Macuxi juntamente com a Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR).

A presente dissertação descreve o processo de elaboração de uma “Gramática Pedagógica da Língua Macuxi” para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas. O trabalho tem como objetivos específicos de: Analisar a inter-relação entre cultura e a prática docente; descrever as reflexões sobre a metodologia de construção da Gramática; Socializar as estratégias de ensino utilizado e participar da construção de uma Gramática Pedagógica da Língua Macuxi para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas indígenas, produzindo um livro com lições que explicam os assuntos gramaticais com diálogos e exercícios. Nosso trabalho foi realizado inicialmente com uma equipe de 16 professores que são falantes da Língua Macuxi, durante o período de 2019 até 2020 e foi concluído com 10 professores.

Os ensinamentos das línguas indígenas nas escolas são desenvolvidos por meio da oralidade, da leitura e da escrita, visando ensinar a Fonética e fonologia (vogais curtas e longas consoantes e a dinâmica de vozeamento¹, acento tônico e entonação, padrão de alongamento de vogais na frase); a Morfologia (classes de palavras, prefixos e sufixos, tempo e aspecto verbal, papel das partículas); a Sintaxe (função do sufixo ergativo-*ya*² nas frases transitivas; posições) e a Semântica (sistema de parentesco, empréstimos e neologismos, etc.). A organização estrutural da gramática está dividida em Diálogo, parte Gramatical, Exercício e o Cultural.

Assim, trabalhamos na busca de favorecer o fortalecimento, a ampliação do uso da língua indígena Macuxi, dando a importância na contribuição do desenvolvimento da consciência política, formando os discentes para serem falantes, bons leitores e escritores críticos na língua indígena Macuxi. Por mais que essa língua esteja tendo seu uso reduzido na comunidade, ameaçando sua sobrevivência neste mundo globalizado, precisamos garantir às novas

¹ Vozeamento: Vibração das pregas vocais, também chamadas cordas vocais, tecidos musculosos que se localizam na laringe, região da garganta. [...] Em sons vozeados [...] podemos sentir a vibração das pregas vocais que ocorrem como consequência da abertura e fechamento dos músculos que a compõem. (GUIMARÃES, *s/a*.)

² Na Língua Macuxi, para este tipo de frase, é necessariamente formada por três componentes obrigatórios: o sujeito, o objeto e o verbo, onde o sujeito é reconhecido pelo sufixo *-ya*, e com o uso desse sufixo, o sujeito passa a ser utilizado após o verbo. (AMÓDIO; PIRA. 2007).

gerações atitudes afirmativas, apoiadas em micro políticas de preservação. Portanto, consideramos com imensa importância e relevância essa nova visão acerca da garantia de direitos de aprendizagem e ensino de língua Macuxi. A necessidade de construir a gramática pedagógica se deu pela minha observação na comunidade, pela dificuldade que se tem em valorizar o ensino da língua macuxi apesar de já se realizarem ações nesta perspectiva. Desde 1991, como professora e militante de causa indígena, percebi a falta da importância que se tem a cultura indígena inclusive a falta do uso da língua macuxi. Através de um trabalho de projeto realizado na escola e comunidade indígena com o tema: “Jogos e Brincadeiras” para a motivação e valorização da língua indígena macuxi na Escola Indígena Índio Gustavo Alfredo da Comunidade Araçá da Serra, foi percebido que somente algumas pessoas idosas da comunidade falam a língua indígena. O descontrole do uso da língua Macuxi ficou submisso ao controle do uso da língua portuguesa no contexto familiar da maioria das comunidades indígenas de Roraima, alguns pais tentam falar na língua indígena com os filhos, contudo, é pouco aceito.

A língua portuguesa nas comunidades indígenas está em todas as circunstâncias: no trabalho, nas diversões, na escola, fazendo parte do dia a dia. O idioma está sendo usada somente pelos idosos. Pelos mais novos é usada apenas como a segunda língua. Por isso, queremos continuar o processo da valorização do uso da Língua Macuxi. Portanto, pretende-se ajudar a população indígena no incentivo do uso da língua, possibilitando e propiciando situações do uso da mesma. Estimulando a comunidade a se preocupar com a valorização cultural através do ensino da Língua Indígena Macuxi nas Escolas Indígenas.

Como no passado às práticas culturais tinha o uso da língua indígena usado frequentemente pelo povo e hoje não está acontecendo, o trabalho vai contribuir para motivar a volta dessas práticas e como professora me dá o acesso para motivação de pesquisar o tema. Da qual pode fazer com que as pessoas não percam suas culturas. A alegria em ver o esforço de alunos quando se trabalha a língua macuxi na sala de aula mesmo com a falta de material pedagógico.

Nisso, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas confirma que é importante entender, entretanto, que é possível impedir que uma língua indígena desapareça. Para isso é preciso que, em primeiro lugar, seus falantes percebam as causas que estão colocando em risco a sobrevivência de sua língua e, em segundo lugar, assumam o compromisso de tentar brevar os avanços da língua dominante, criando estratégias para tanto. Por isso, o povo indígena luta até hoje para que não morra essa cultura.

O ensino de língua nas escolas indígenas tem sido muitas vezes de leitura e tradução de palavras ou de pequenas frases nas séries iniciais. Evidentemente que alguns professores adotam algumas estratégias com atividades lúdicas como músicas, jogos e brincadeiras para ensinarem algumas palavras na língua indígena, sempre se orientando através de uma gramática pedagógica ou outro material.

Pela convivência e observação é possível perceber que nem mesmo os professores de língua indígena macuxi que atuam na escola, não ensinam seu próprio idioma para seus filhos. Isso no mínimo nos traz um sentimento de indignação, ou mesmo de tristeza, haja vista o professor não pôr em prática seus conhecimentos lingüísticos a seus próprios filhos. Ainda mais que a língua é um dos instrumentos de identidade étnica. É possível que isso ocorra porque no passado a escola colocou um “sentimento” nas pessoas mais velhas, não somente nas que estudavam, mas também nas pessoas em geral que formavam uma comunidade indígena, dizendo que a língua indígena era feia, ou gíria ou outras coisas do gênero e que a língua bonita ou importante era a portuguesa. E esse sentimento fez com que os próprios professores que ministram aula de língua indígena, não dessem o valor devido a língua indígena e, portanto, negando o ensino de sua própria língua a seus filhos.

Diante disso, veio à preocupação de como possibilitar aprendizagem da Língua Indígena Macuxi como a segunda língua, já que a primeira é a língua portuguesa.

No que se refere a aquisição de língua Grolla (2006), afirma que “toda criança normal adquire uma língua natural, sem nenhum treinamento especial e sem um input lingüístico seqüenciado, ou seja, sem nenhuma preocupação

com a ordem em que as sentenças são faladas às crianças” (p.2). A supracitada autora, ainda, afirma que:

O processo de aquisição de linguagem, uma teoria linguística tem de dar conta dessa universalidade da linguagem e responder o que é especial sobre linguagem, e sobre as crianças, que garante que elas irão dominar um sistema de regras rico e complexo num período em que elas estão apenas entrando em idade escolar. (GROLLA, 2006, p. 2)

Ainda sobre aquisição de língua, Maia, (2006) afirma que tal processo é o que ocorre à criança exposta a estímulos lingüísticos: o órgão da linguagem ativamente opera sobre esses estímulos produzindo a aquisição de uma língua específica.

O processo de aprendizagem de língua, ao contrário da aquisição, depende do esforço, exercício, prática, e, geralmente, não se obtém resultados tão bons. É o que ocorre no aprendizado de uma língua estrangeira, após a adolescência: submetemo-nos a um processo qualitativamente diverso daquele levado a efeito na aquisição, um processo muito menos natural, que depende de nossas habilidades individuais e exige empenho sistemático durante longo período, ao fim do qual, o resultado jamais é equivalente ao do falante nativo que adquiriu a língua na infância. (MAIA, 2006, p. 30)

A aquisição da Língua Indígena Macuxi representa um marco importante para as comunidades indígenas, haja vista, que possibilitará a elaboração de uma proposta ou política lingüística de valorização da língua com menos complexidade, pois, o que se percebe de acordo com as afirmações acima, o processo de aquisição de língua se dá de forma espontânea dispensando métodos burocráticos de ensino que são utilizados na atualidade nas escolas indígenas.

Iniciamos nossa dissertação com uma breve introdução, seguida de cinco Capítulos, os quais, logo no primeiro Capítulo, apresentaram os percursos metodológicos utilizados assim descritos: Interpretação dos fenômenos à luz das interações e vozes ancestrais. Logo a seguir, no segundo Capítulo, vem a Dimensão contextual das terras do povo de Makunaima, mostrando a organização da vivência do povo indígena do Estado.

No terceiro Capítulo, descrevemos sobre A Educação Escolar Indígena e os Percursos de Formação de Professores, tal como os procedimentos metodológicos norteadores.

Já no quarto Capítulo está descrita a síntese de minha autobiografia: caminho da vida profissional para educação escolar indígena. Para o quinto Capítulo, descrevemos acerca da Construção da Gramática Macuxi: Um olhar

descritivo sobre fazeres, saberes e escuta das narrativas orais que descreve a construção da gramática, e por último escrevemos as considerações finais.

CAPÍTULO I

1. CAMINHOS METOLÓGICOS: INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS A LUZ DAS INTERAÇÕES E VOZES ANCESTRAIS

Os caminhos traçados no desenvolvimento da pesquisa para a construção teórica metodológica desta dissertação se configuraram numa concepção metodológica qualitativa. Desta maneira busquei o método fenomenológico no sentido de contribuir com a realidade vivenciada. De acordo com segundo Triviños (2001, p.96) “as propriedades essenciais são aquelas que permitem distinguir um fenômeno do outro, e essas são as únicas”. Assim torna-se relevante para compreensão para decodificação da língua indígena.

Na perspectiva da fenomenologia se faz necessário um olhar sobre o fenômeno no sentido de compreender os processos para além das práticas ou realizações de atividades, interpretando e verificando os sentidos demarcadores do contexto em estudo, que se firmaram não observando, mas percebendo as diferentes formas de organização e planejamentos/orientações que enveredavam nossas práticas discursivas que segundo Hall (2002) compreende a identidade do sujeito. Portanto foi fundamental a abordagem qualitativa sob a base fenomenológica.

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. É uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes teóricas na fenomenologia (...). A fenomenologia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária. (ANDRÉ, 1995, p.17-18)

Nos caminhos das atividades junto aos atores da pesquisa me fizeram percorrer através da pesquisa-ação, uma vez que, enquanto indígena e professora participante da história do meu povo tornava-se complexo se distanciar das ações em curso. Para Tripp (2005) é importante reconhecer a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um período qual se aprimora a

prática pela oscilação sistêmica entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.

Foram construídos ao logo deste trabalho revisões de literaturas acerca das questões indígenas processos educacionais escolares para estas populações considerando o processo de luta e resistência, uma vez que suas concepções e cosmo visões foram suprimidas pelo processo de colonização. Para melhor compreensão do percurso se descreve aqui recortes autobiográficos para melhor aproximação da construção da gramática pedagógica da Língua indígena Macuxi, considerando a leitura que tenho como indígena do mundo, minhas percepções, meus sentimentos, a forma de construção de meu conhecimento e a interação com os demais indígenas que participam do processo de construção da gramática pedagógica da Língua indígena Macuxi.

A descrição do processo de construção da gramática pedagógica da Língua indígena Macuxi apresenta reflexão e elementos pessoais e profissionais como docentes e como indígenas conhecedores da realidade de uma escola indígena, onde trabalham. Assim foi necessário ouvir/escutar de forma cautelosa relatos no sentido de me situar sobre suas trajetórias pela oralidade constituídas de narrativas em meio às interações. Assim segundo Perazzo (2015, p.129), a expressão narrativa do sujeito a partir de um relato traz à tona a oralidade e a necessidade da articulação do falar.

Nesse contexto interessa-nos, de maneira superficial, uma breve análise sobre a formação continuada, através do método narrativas autobiográficas, buscando refletir sobre práticas educativas na formação formal e não formal. A formação continuada remete processos de aprendizagens formais e não formais, para melhor esclarecimento, ressaltamos sobre o processo de aprendizagem formal, na qual ocorrem nas instituições de formação clássica, e o processo de aprendizagem não formal se desenvolve habitualmente fora do estabelecimento de formação institucionalizadas.

Esses processos ajudam a entender a classificação do grupo-referência, pelo fato das relações e inter-relações constituírem a identidade e conseqüentemente a formação continuada, na qual apresenta duas características que se complementam: as formativas e as performativas. Já a

alternância de formação, refere-se auto formação, ou seja, provoca um movimento de personalização, de individualização, de subjetivação da formação, portanto, a entrada na instituição de ensino, grupo escolar, marca o início da formação continuada envolvendo aprendizagem decorrente das múltiplas situações-problema que o sujeito encontra.

Ressaltando ainda, que, a formação continuada é o processo de compreensão do fenômeno educativo, tornando intencional a partir do momento em que o objeto da realidade ou a prática educativa provoca curiosidade; para tanto exige do sujeito um estado de vigilância teórico-metodológica e autobiográfica. (grifo do autor)

A autobiografia, portanto, refere-se à relação ao processo de aprendizagem, ou seja, a atenção consciente na formação continuada. Desse modo, a formação continuada em grupos-referências que a identidade se constitui, e é pela identidade que o pensamento especulativo segue o caminho da formação continuada.

Discorreremos também sobre a formação como processo de reculturação profissional, e para isso, faremos uma análise ampla sobre a temática formação continuada, é preciso fazer um levantamento histórico apresentando vários conceitos e aspectos no que concerne a formação de professores, principalmente os avanços significativos, salientando uma reflexão crítica sobre o objeto da prática educativa, que primeiramente é uma necessidade de ordem.

As concepções da formação continuada apontam e encaminham teóricos e metodológicos para promoção dessa formação, considerando o espaço-tempo escolar com lócus privilegiado para a reflexão sobre o processo-aprendizagem e as interações no ambiente escolar.

Embora a formação continuada alimente de forma inovadora, porém, não utilizando de preferência a “formação formal”, é preciso investir do ponto de vista educativo as situações escolares, sendo que o mesmo pode capitalizar as experiências inovadoras e de experiências e as redes de trabalho já existente no sistema escolar;

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, enfatiza que formação de profissionais da educação é, reconhecer o processo

de “qualificação em serviço”. Este processo possibilita a transformação da prática e um processo de reculturação, que compreende “um processo reflexivo que conduz ao desenvolvimento de novos valores, neste sentido, para formação continuada de professores, deve incentivar a apropriação dos saberes pelos professores rumo à autonomia e levar uma prática crítico-reflexiva” (GABRIEL, 2008, p.70).

Além do mais, a compreensão de aprendizagem possibilita pensar no processo de construção, portanto de continuidade, em função de um objeto identificado na realidade que desperta curiosidade, impondo a solicitação de uma mobilização; compreendemos que esse objeto é conhecimento científico ou da curiosidade epistemológica. Portanto, as concepções e formação continuada, possibilitam refletir sobre a trajetória pessoal e profissional, fatos que ocorreram na trajetória pessoal, e que se completa na trajetória profissional.

É importante salientar que para a realização desta pesquisa, foram obtidos dados em fontes documentais autobiográficas, que procediam de técnicas de observação, entrevista, testemunho, e “pesquisa participante”. De igual importância, mencionamos que foram os estudiosos de Chicago que provocaram importantes debates sobre o método biográfico, tornando positivo como prática das ciências sociais, passando a descrever a importância da pesquisa qualitativa, na qual foi tomando posição da pesquisa positivamente relevante para estudos, principalmente para ciências sociais.

Logo, a pesquisa que se submete ao processo de execução está submissa a um caráter de cunho qualitativo, se encaixando no tipo participativa e que está associada ao tipo metodológico autobiográfico, no qual, a partir disso, se desvela a real importância de contextualização para nosso tipo de pesquisa.

Seguindo tais pressupostos teóricos, nosso componente teórico metodológico está organizado com bases em obras de autores como Serrano (1994)

[...] que diz que a autobiografia é uma narração feita por uma pessoa ou grupo sobre suas experiências, atitudes, aspirações, objetivos. Esse tipo de relato pressupõe uma volta ao passado e implica uma reflexão sobre sua prática e de uma projeção de suas novas

aspirações, condutas e inquietudes relacionadas à comunidade. (p. 41).

Pode ser estruturada, quando se estabelecem normas sobre como estruturar e sistematizar a informação; e não estruturada, quando não se dá instruções e a pessoa ou grupo relata de forma espontânea suas experiências e reflexões. Ao pesquisador cabe o papel de facilitar o relato e a construção do significado do mesmo, não se limitando, pois, a ser um mero observador. Para a autora, o objetivo da autobiografia é aprofundar o conhecimento do sujeito participante sobre sua própria vida, busca mergulhar no interior da pessoa, estudar o percurso de sua vida e fazê-lo emergir.

Esta pesquisa busca compreender o ensino da língua indígena através da autobiografia e da biografia, Bakhtin (2003, p. 138) lembra que formas contraditórias, mesclas que transitam entre auto-informe-confissão e a autobiografia surgem no fim da Idade Média e no início do Renascimento. A obra *História calamitatum mearum*, de Abelardo conforme Bakhtin (2003, p.164) seria um exemplo dessas formas mistas. No início do Renascimento, o tom confessional aparece frequentemente, mas é o valor biográfico que acaba vencendo. Para o autor (2003, p. 139), [o] valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivencialmente da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida. Entendo por biografia ou autobiografia (narrativa de uma vida) uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico. (BAKHTIN, 2003, p. 166).

A autobiografia é uma possibilidade de um determinado autor repassar informações mais fidedignas possíveis sobre toda sua vida ou parte dela pela qual passou para realizar um determinado plano, sobretudo, profissional. Mas, de acordo com Fabre (2011), existem inquietações sobre a ação e a produção que são confrontadas nas pesquisas com esse perfil.

Fazer de sua vida uma obra supõe então dar sentido à sua história, refletir sobre os acontecimentos e os atos [...]. Mas é, sobretudo, por um olhar retrospectivo inseparável de um projeto de vida, de reapropriação de seu esforço para existir, de seu desejo de existir. Em outras palavras, precisamos passar de uma filosofia da consciência plenamente maravilhada da certeza de minha existência a uma filosofia reflexiva que traz o questionamento sobre o que eu sou de fato (FABRE, 2011, p. 356).

Conforme esta análise, passa a ser necessária uma saída do estágio imaginário e passar para o estágio real, compreender que a vida não é só 'mar de rosas', mas que tem suas dificuldades, seus dissabores, mas que ao final de toda trajetória, com sabedoria humana, é possível escrever histórias inspiradoras que podem revolucionar o mundo.

São as reflexões que norteiam toda a pesquisa e permitiu buscar quem eu era e o que estava fazendo profissionalmente. Esse olhar retrospectivo, que tem sua origem no processo reflexivo, causou as mudanças contribuindo para a minha formação. O processo da construção da Gramática iniciou no dia 05 de dezembro de 2018, quando a Organização de Professores Indígena de Roraima- OPIRR, juntamente com a Diocese de Roraima, atenderam as reivindicações dos professores indígenas de Roraima para construir uma gramática pedagógica da Língua Macuxi, o interesse disso teria sido as preocupações do povo Macuxi durante uma realização de evento no I Encontro de Professores e Intérpretes de Línguas Indígenas de Roraima.

Nesse evento, vários professores de Língua Macuxi expressaram uma preocupação sobre a falta de material escrito para o ensino de Macuxi nas escolas, por isso a idéia de convidar a OPIRR para construir material didático. Por esse motivo foi proposto realizar um estudo com os professores de línguas indígenas construindo uma "Gramática Pedagógica da Língua Macuxi". Tal obra explicará as idéias gramaticais da língua Macuxi em forma de lições com diálogos e exercícios.

Os aspectos gramaticais incluirão os seguintes assuntos: Fonética e fonologia (vogais curtas e longas consoantes e a dinâmica de vozeamento, acento tônico e entonação, padrão de alongamento de vogais na frase); Morfologia (classes de palavras, prefixos e sufixos, tempo e aspecto verbal, papel das partículas); Sintaxe (função do sufixo ergativo-ya nas frases transitivas; posposições) e semântica (sistema de parentesco, empréstimos e neologismos, etc.).

Pe. Ronaldo MacDonell inicialmente considerou trabalhar com uma pequena equipe de 6 a 8 professores que são falantes da Língua Macuxi, durante 2019 e até 2020, mas como se tratava em trabalhar com quatro regiões foi decidido convidar 16 professores indígena falantes da Língua

Macuxi de quatro regiões: 1º) Região, da Raposa Município de Normandia, 2º) Região do Baixo Cotingo do município de Normandia, 3º) Região do Surumú, Município de Pacaraima: 4º) Região das Serras do Município de Uiramutã

Nessa construção, a entidade responsável da obra seria a OPIRR, tanto na organização do processo do trabalho como também na busca de patrocinadores para a publicação da obra. O trabalho tem como objetivo de construir uma Gramática Pedagógica da Língua Macuxi para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas indígenas.

Em 2019, foi realizado um encontro para consolidar os trabalhos entre a Diocese e a OPIRR e montar a equipe da coordenação do estudo: Pe. Ronaldo MacDonell, assessor Lingüístico da Diocese; eu Adine da Silva Ramos, secretaria geral da OPIRR, e a coordenadora geral da OPIRR. A construção ficou de responsabilidade da Diocese de Roraima.

As reuniões ocorreram na cidade de Boa Vista, Roraima, que são previamente agendadas e que os participantes se deslocam de suas comunidades para a capital. Todos os indivíduos participantes foram comunicados e não se opuseram para que fosse realizada a autobiografia, estando cientes que todo o processo será descrito na dissertação. Os dados da autobiografia foram coletados nos encontros das oficinas de construção da gramática pedagógica da Língua Macuxi, sendo esses encontros presenciais ou a distância. Por ser uma autobiografia, não haverá análise, mas sim uma reflexão quanto ao processo de construção fundamentada na questão cultural.

CAPÍTULO II

2. A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS TERRAS DO POVO DE MAKUNAIMA

Para indiciar esta seção resolvi chamar Terras *de Makunaima*, o espaço Roraima definido pelo *mundo dos não índios* como unidade da Federação/Estado. Isso mesmo, está situado ao Norte do Brasil, acima da linha do equador, que possui uma área de 224.131,3 km². O estado é constituído de povos indígenas e não indígenas, e a população indígenas se divide em 10 diferentes povos, que estão dentro de terras indígenas demarcadas, homologadas e regularizadas, que são: Macuxi; Wapichana; Taurepang; Sapará; Yanomami; Yekuana; Ingaricó; WaiWai; Waimiri-Atroari e Patamona.

Os povos se consideram todos parentes e descendentes de heróis míticos, conservando-se a especificidade quanto às línguas indígena, costumes e culturas. Como afirma a Giovana Mandulão **Revista Eletrônica Tempus**, Actas de Saúde Coletiva, Capa v.6, n. 1, 2012.

Nessa direção teriam caído as plantas e permanecem lá até hoje, principalmente nas partes cobertas por mata. Do tronco jorrou uma torrente de água que causou grande inundação e formou os rios da região. Segundo o mito, o tronco de Wazacá permanece no Monte Roraima, de onde fluem os cursos d'água que banham a região tradicionalmente habitada por esses povos (MANDULÃO, 2012, p. 66).

Com início da luta dos povos indígenas, na década de 1970, houve a primeira assembléia dos povos indígenas na comunidade Barro, na antiga missão Surumú, para definir suas políticas de conquistas. Como havia pressão de invasão de fazendeiros, garimpeiros e outros problemas, as lideranças tiveram iniciativas de lutar pela desocupação da terra como garantido pela Constituição Federal de 1988.

Na década de 1990, iniciou-se a retirada dos garimpeiros e fazendeiros, época em que o povo indígena era escravizado não sendo permitida nem a pesca nem a caça livremente. Ainda no ano de 1994, as lideranças passaram a organizar-se por regiões: Raposa, Baixo Cotingo, Surumú e Serras, facilitando assim planejamento de mobilizações e estratégias de trabalhos. Após várias reuniões as lideranças decidiram lutar e guerrear contra fazendeiros, um dos primeiros confrontos foi no Xununu Tamu atualmente comunidade da Santa

Cruz, seguindo a outras comunidades, Laimã, Pedra Branca, Uiramutã, Machado, Miang, Cachoeira da Onça e Cachoeira do Tamandú um dos locais que presenciou um dos piores conflitos e assim deu-se a luta, onde o massacre se arrastou por 34 anos de luta.

Mesmo que o povo indígena planejasse suas ações, também havia parceiros que acompanharam diretamente e indiretamente apoiando e reivindicando a demarcação e homologação da terra indígena que não servia apenas de mérito para povos indígenas da Raposa Serra do Sol, mas como exemplo para outras terras indígenas que ainda seriam limitados e reconhecidos, futuramente demarcados e homologados. Algumas lideranças queriam a terra em ilhas, já que eram manipulados pelos monocultores e políticos partidários e sendo que a maioria do povo indígena lutava pela terra em área única (contínua) pensando nas gerações futuras.

A partir dos anos 80, criou-se o Conselho Indígena de Roraima (CIR), que ajudou as lideranças no reconhecimento sobre a demarcação das terras. Em seguida, surgem as Organizações dos Professores Indígenas (OPIRR), Associação dos Povos Indígenas de Roraima (APIRR) embora fossem diferentes organizações, ambas lutavam pelas mesmas causas.

Contrárias aos objetivos das três organizações supracitadas, surgiram também no decorrer dos anos seguintes outras organizações indígenas como a Sociedade em Defesa dos Índios Unidos de Roraima (SODIUR), a Aliança de Integração e Desenvolvimento das Comunidades Indígenas de Roraima (ALIDICIR) e a Associação dos Povos Indígenas do Rio Cotingo e Quino (ARICON), estas ficaram a favor dos fazendeiros e rizicultores existentes em suas áreas.

O trabalho das organizações e movimentos indígenas foi se desenvolvendo, tanto para os que eram a favor da demarcação em área contínua quanto para a demarcação em ilhas. Para os que foram a favor da área contínua, a terra representava a vida, a liberdade, o respeito à natureza, costumes e tradições indígenas que aos poucos a sociedade não índia tentava acabar. Enquanto para as outras, a terra representa apenas um bem que pode ser cultivada e conseqüentemente render grandes lucros sem se importar com as gerações futuras.

Assim, os movimentos indígenas foram conquistando espaços importantes na estrutura do Estado para consolidar a demarcação de suas terras, e tais espaços foram constituídos por trabalhos na política partidária elegendo prefeitos e vereadores indígenas, e gestores públicos dentro da secretaria de educação, mais especificamente na Divisão de Educação Escolar Indígena (DIEEI), entre outros espaços.

Já os que foram a favor da área em ilhas, estavam acometidos por um pensamento capitalista e alegaram que a demarcação trouxe prejuízo para o estado, ou seja, o estado não cresceria economicamente e que as terras indígenas sofreriam ameaças à soberania nacional com a demarcação. Portanto, atualmente a maior parte dos movimentos indígenas vem lutando para o crescimento da população na vida social e econômica, a fim de obter desempenhos e melhorias para todos os povos pertencentes às terras indígenas no estado de Roraima e no Brasil.

Mediante ao todo exposto, percebemos que para nomear gestores indígenas em diferentes Instituições do estado que pensassem de fato nos interesses dos povos indígenas, podemos ponderar que houveram escolhas assertivas ou não, rivalidades entre as organizações e povos, mas que a partir de decisões tomadas por eles, o crescimento beneficiaria em uma vida economicamente e socialmente melhor para todos.

CAPÍTULO III

3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E OS PERCURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A educação escolar indígena ainda no Brasil Colônia não partia de uma educação formal e diferenciada para os povos indígenas, mas de um processo de escolarização que tinha como objetivo catequizar para a salvação daqueles primitivos selvagens, como eram chamados os índios naquela época.

Nessa visão, a educação escolar indígena nos anos 1970 inicia uma luta, pois aqui nascem os movimentos indígenas apoiados na Constituição de 1988, que propõe uma educação diferenciada, respeitando a diversidade de cada povo. Desta feita, destaca-se o artigo 78 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996:

[...] afirma que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngüe para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional. (BRASIL, 1996, p. 6).

No que compete a LDB, fica evidente os direitos aos povos indígenas a uma educação que contemple os aspectos históricos e culturais, de qualidade, diferenciada e que valorize a identidade de todos os povos. Diante disso, os movimentos já organizados e com aliados importantes como a igreja, antropólogos e educadores de orientação freiriana e marxista, a educação escolar indígena ganha força. Podemos aqui ressaltar que durante o período de ditadura militar os indígenas continuavam sofrendo assimilação³ e aculturação. Entretanto, de maneira incansável, os povos indígenas conseguem chegar ao parlamento e, dessa vez, a Constituição passa a reconhecer que:

[...] os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela - O ensino da História do Brasil levará em

³ Entende-se por assimilação cultural o processo em que um grupo cultural, nesse caso específico os indígenas, assimila ou adota costumes e hábitos de uma outra cultura em detrimento da sua, momento em que a cultura indígena passa a ser gradualmente substituída e começa a ser perdida com o passar do tempo. (RODRIGUES, *s/a*).

conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e europeias. (BRASIL, 1988, p. 72).

Nesse sentido, a educação indígena que passa por etapas tem seus direitos resguardados sendo respeitadas suas tradições e crenças. Nesta fase as políticas públicas de estado voltadas para a educação escolar indígena nos mostram os avanços conquistados e os retrocessos em meio ao fracasso do cenário atual.

Os povos indígenas, com suas especificidades e maneiras próprias de ver o mundo, buscam valorizar os conhecimentos próprios construindo seus saberes e valores com as demais culturas. Desta forma, seguindo as características da escola de acordo com a política, espaço, tempo e cultura de cada povo, o Referencial Curricular Indígena (1998) assegura uma educação:

I. Comunitária: É conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada.

II. Intercultural: Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, lingüísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

III. Bilíngue/multilíngue: Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosas, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas é, na maioria dos casos, manifestado através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngües em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilingüismo simbólico importante.

IV. Específica e diferenciada: Porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena. (REFERENCIAL CURRICULAR INDÍGENA, 1998, p. 24 e 25).

Com isso, se define no contexto escolar parâmetros que contemplem as práticas pedagógicas a partir das experiências dos sujeitos, de suas intenções dentro de uma vivência comunitária.

3.1 A Educação Escolar Indígena em Roraima

Não há o que destacar de forma positiva como ocorreu o processo quando o assunto é Educação Escolar Indígena em Roraima, mesmo porque desde 1822, ano da independência do Brasil, nenhum governante deu uma atenção especial aos povos indígenas. Segundo Vieira (2014), quanto ao processo de ensino e aprendizagem entre os povos indígenas da região do Rio Branco, atual Estado de Roraima teve seu início por volta de meados do ano 1909 por intermédio da Ordem de São Bento. Evidentemente que primeiro se fazia a catequese dos indígenas para se ter a oportunidade de alfabetizar, isto é, ensinar a ler e escrever o português. O autor afirma que os beneditinos não vieram ao Rio Branco somente com interesse religioso, ou seja, propagar a fé entre os índios, mas tinham outros interesses que era o de integrar os índios à comunhão nacional, interesse econômico, entre outros.

O que parecia ser instrumento de dominação ou assimilação dos povos indígenas, hoje a educação escolar indígena é uma ferramenta de libertação, conservação de cultura, é ensinar a pescar, a fazer roças.

Convém destacar que para os povos indígenas chegarem a esse patamar da busca pela libertação ou autonomia étnica, foram necessários vários embates com o poder público para se fazer cumprir as legislações que asseguram uma educação intercultural específica e diferenciada de qualidade, cita-se, por exemplo, o evento que ficou conhecido como o “Dia D” – DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR ocorrido em 1985, discutindo sobre temas como: Que Escola Temos? Que Escola Queremos? Esse evento torna-se importante porque possibilitou reflexões críticas sobre educação indígena, principalmente para os técnicos da Secretaria de Educação de Roraima.

Em Roraima, esse evento também aconteceu envolvendo setores educacionais e comunidades da capital e do interior, públicos e privados, da educação básica, superior e indígena.

O dia 17 de setembro de 1985 foi programado para as comunidades indígenas realizarem o debate em conjunto, após concluídas as devidas reflexões sobre a realidade escolar desenvolvida até então nas comunidades, de maneira a apontar as principais linhas e objetivos norteadores para a

educação escolar indígena, atendendo assim, em primeiro lugar, as disposições legais da Constituição Federal e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e, em segundo lugar, as necessidades e anseios das próprias comunidades indígenas.

Desse modo, a partir da direção apontada nesse dia “D”, a Secretaria Estadual de Educação Cultura e Desportos – SECD, durante o ano de 1986, trabalhou na estruturação e organização do Núcleo de Educação Indígena – NEI⁴. Continuando com os objetivos propostos, em 1990, a SECD cria o Núcleo de Educação Indígena contando com 93 escolas estaduais de Ensino Fundamental.

Em sua maioria, essas escolas já funcionavam nas comunidades indígenas, porém com a denominação geral de Escola Estadual de Ensino Fundamental e com as características das demais Escolas Estaduais que funcionavam no Interior, isto é, escolas de zona rural. A partir desse momento, as escolas das comunidades indígenas receberam a denominação de Escola Estadual Indígena e inicia a busca contínua da construção de uma escola diferenciada atendendo as reivindicações das suas comunidades. Os primeiros a assumirem o Núcleo eram os “brancos”, não indígenas.

Em 1992, o primeiro professor indígena a assumir a chefia do referido Núcleo, foi o professor Euclides Pereira, do povo Macuxi (EMIRI, 1992). A partir dessa data, os indígenas começaram a ter seus lugares na educação, seja na secretaria de educação do estado e nas unidades de ensino.

Em 2001, aconteceu a elaboração do 1º Concurso Diferenciado Indígena para Professores. O Núcleo de Educação Indígena (NEI) tomou parte dessa elaboração, contribuindo com sugestões pertinentes e relacionadas às necessidades das escolas e comunidades indígenas.

Outras ações, todas importantes foram realizadas pela SECD através do NEI, proporcionando às escolas indígenas e suas comunidades, o atendimento aos objetivos e metas propostas, no sentido de uma educação intercultural, comunitária, específica e diferenciadas.

⁴ Núcleo ligado à SEED que trabalha de maneira a capacitar professores indígenas em temas mais aprofundados, tais como: pesquisa e sistematização das línguas Macuxi, Wapichana, ensino bilíngue, metodologia, medicina alopática e indígena e adaptação de currículo, sendo todas essas atividades orientadas por profissionais contratadas pelo NEI. (EMIRI, 1992).

Hoje a Educação Escolar Indígena no estado de Roraima, continua funcionando dentro da Secretaria de Educação e Desporto - SEED, a antiga SECD. Atende atualmente 264 escolas indígenas, 523 professores do quadro efetivo, 52 professores do quadro da união, aproximadamente 1700 professores do quadro seletivo, dados informados pelo censo escolar de 2019. (FERREIRA, 2020).

A Divisão Indígena possui 6 centros de educação regional com Decreto validado pelo estado e 7 centros aguardando ser decretados. Estes estão para suprir as necessidades de cada região, atendendo especificamente as escolas das regiões, o seu corpo de trabalho é constituído de: diretor, coordenador pedagógico em alguns com auxiliar de secretário.

3.2 A formação continuada de professores indígena na Educação Escolar Indígena

Ao que se refere a Formação dos Professores Indígenas, o Magistério Indígena⁵, iniciou em 10/01/1994 com 02 turmas e 35 inscritos cada uma, perfazendo um total de 70 professores/alunos. O local onde aconteceram as aulas foi o Centro Estadual de Formação para o Magistério – CEFAM. A primeira turma de Magistério Indígena formou em 1996, com 59 professores /formandos.

Em 1998, o Projeto Parcelado Indígena de Roraima Indígena de Roraima ganha o Prêmio Paulo Freire⁶ a nível nacional no I Congresso Brasileiro de Educação Profissional com o tema “Formando o Cidadão Produtivo”. Este acontecimento foi uma conquista importante que motivou o desenvolvimento e a busca contínua da melhoria da qualidade da educação escolar indígena.

⁵No ano de 1994, professores, tuxauas e comunidades reivindicaram junto ao Núcleo de Educação Indígena da SECD um projeto de magistério indígena. A partir dessa reivindicação, várias reuniões com representantes da Secretaria e lideranças deram suporte para a formulação do Projeto de Magistério Indígena Parcelado (PPP do Curso de Intercultural do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena (2018, p. 10 e 11).

⁶ Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena (2018).

Hoje, pode-se afirmar que houve avanço na formação de professores indígenas no Brasil, mas, para se conseguir tal avanço, foram anos de muitas lutas dos povos indígenas em todo país. Só a partir dos anos 1970 com o surgimento do Movimento Indígena que se vislumbra cursos de Formação Inicial aos professores indígenas. Em Roraima, ainda bem mais recente com as reivindicações do Movimento Indígena no Estado surgem alguns cursos de formação inicial como, por exemplo, o Magistério Indígena Parcelado, (1994), Magistério TAMÍKAN ambos em nível médio e a Licenciatura Intercultural do Instituto INSIKIRAN da Universidade Federal de Roraima – UFRR que fora criado em 2001.

Mesmo com todo esforço do Movimento Indígena em todo o território nacional bem como no Estado de Roraima, os cursos de Formação inicial para professores indígenas, ainda não atingiram seus objetivos principais que é habilitar o professor sob os princípios da interculturalidade. Os cursos até possibilitam conhecer tais princípios, porém, o sistema estadual de educação não permite que seja aplicado nas escolas indígenas, pois a matriz curricular ainda é definida pelo Conselho Estadual de Educação – CEE/RR, não permitindo a aplicação de um currículo próprio, específico das comunidades indígenas. Ressalta-se que apesar de ter um representante indígena no Conselho Estadual, ainda a maioria dos membros do referido conselho diverge na aplicação de uma matriz que de fato atenda os anseios das escolas e/ou comunidades indígenas.

Sobre essa questão ideológica, Poulantzas (2000) afirma que “a ideologia não é algo neutro na sociedade, só existe ideologia de classe. A ideologia dominante consiste especialmente num poder essencial da classe dominante”. (p. 27).

Contudo, o que particulariza o termo ideologia é o fato de tratar sempre de algo alheio, como nos diz Eagleton (1997, p. 16): “ninguém gostaria de afirmar que seu próprio pensamento é ideológico [...] a ideologia, como um mau hálito, é, nesse sentido, algo que a outra pessoa tem”.

Seríamos ingênuos se não percebêssemos que os curso de Formação de professores indígenas estão carregados de concepções ideológicas. Nesse sentido, concordamos com Mészáros (2004, p. 57) o qual afirma que “em

nossas sociedades tudo está 'impregnado de ideologia', quer a percebamos, quer não".

Nesse caso, é perceptível a intenção da Educação Escolar Indígena no Brasil. Os povos indígenas se fazem valer dessa Educação formal para consolidar seus projetos de sobrevivência, cultural e/ou identitária, visto que no passado a escola foi utilizada para dizimar os povos indígenas no Brasil, negando-lhes o direito principalmente da língua indígena, entre outros.

Aprender como se aprende também é tarefa do professor. O professor que ensina precisa aprender como as pessoas aprendem, para que possa decidir o que ensinar e como ensinar. Mas, antes de tomar essas decisões, é preciso ter em mente algumas considerações sobre o ensinar e o aprender. Sobre a necessidade de aprender o que se ensina, mencionamos Saviani (1982, p. 17), pois o autor assevera que "uma das funções da escola que é possibilitar o acesso aos conhecimentos previamente produzidos e sistematizados".

Saviani ainda descreve que a **escola**, em sua **função social**, tem um olhar constante voltada à sociedade, conectando seu saber com a prática cotidiana do aluno, preparando-o para o exercício profissional. A experiência de vivenciar as situações de aprendizagem ensina o convívio em grupo, indispensável para a vida e o trabalho. Assim sendo, é em sua concepção da aprendizagem, que passa a ser demonstrado que aprender é desenvolver a capacidade de processar informações e organizar dados resultantes de experiências ao passo que se recebe estímulos do ambiente. O grau de aprendizagem depende tanto da prontidão e disposição do aluno quanto do professor e do contexto da sala de aula.

Como passo inicial o professor precisa verificar aquilo que o aluno já sabe por procurar escutar e observar. O aluno por sua vez procura compreender o que o professor tenta explicar. Quando ocorre a transferência de aprendizagem significa que o aluno conseguiu sintetizar as informações e passou a ter uma visão mais clara superando assim sua visão confusa e parcial.

Demerval Saviani (1982) acredita que a escola deve lutar contra a seletividade, a discriminação dos alunos, mas que o aluno também deve fazer

sua parte, pois se somente se considerar uma peça sem qualquer importância no sistema não conseguirá promover a mudança necessária para o bem de toda a sociedade e do próprio sistema. Ele alerta que, muitas vezes, o fracasso escolar é reflexo de fatores externos, tais como saúde, nutrição, fatores psicológicos e cognitivos, bem como de ordem familiar, e esses elementos contribuem para a absorção dos conteúdos, mas há de se fazer chegar aos pupilos a mensagem da importância da educação para a sua vida, fazendo-os encará-la como agente transformador, em um âmbito maior, na comunidade onde vive. Pensando na melhoria da Educação Escolar brasileira, Machado (2002) afirma que,

A valorização da função docente é tarefa urgente, imprescindível, fundamental e nenhuma aquisição de equipamentos sofisticados como computadores ou antenas parabólicas pode ser considerada mais importante do que ela. Tal valorização não se esgota na questão salarial, mas é necessário que se inicie por aí. [...] Não basta melhorar substancialmente a remuneração do professor, conforme já se afirmou, mas insistimos em que sua valorização precisa começar por aí. (p.158).

Sobre a Educação Escolar Indígena, a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada no ano de 1988, assegura aos índios o direito de manterem a sua alteridade cultural e institui como dever do Estado, a tarefa de proteger estes grupos. Recentemente, o ministério da Educação e do Desporto recebeu a atribuição de oferecer aos índios uma educação específica e de qualidade. E, pela primeira vez na história da educação do nosso país, são eles objeto de uma política educacional que tem como princípios o respeito a diversidade étnica e cultural destes grupos e o reconhecimento dos seus saberes tradicionais, transmitidos para gerações.

Até o fim do período colonial a educação indígena permaneceu a cargo de missionários católicos de diversas ordens por delegação tácita ou explícita, da coroa portuguesa. Com o advento do império, ficou tudo como antes: no projeto constitucional de 1823, em seu título XIII, art.254, foi proposta a criação de “estabelecimento para catequese e civilização dos índios” como a Constituição de 1824 foi omissa sobre esse ponto, o ato adicional de 1834, art. 11, parágrafo 5, procurou corrigir a lacuna, e atribuiu competência de assembléia legislativa províncias para promover cumulativamente com as assembléias e governo gerais.

Com a República, o quadro não mudou significativamente no que diz respeito à educação escolar indígena. Mais uma vez se observa a inércia do estado e o grande afluxo de missões religiosas encarregadas da tarefa educacional civilizatória. Desde a chegada das primeiras caravelas até meados do século XX, o panorama da educação escolar indígena foi um só, marcado pelas palavras de ordem “catequizar” “civilizar” e “integrar” ou em cápsula, pela negação da diferença.

O conceito de interculturalidade é um dos princípios básicos tanto do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), como de diversos projetos de educação escolar indígena existente no Brasil, pois Eagleton (2011) nos esclarece que esse é um termo que pode ser considerado com um dos mais complexos. Entretanto, em dias atuais, passa-se a entender que natureza derive da cultura, e para o autor, trata-se de um processo completamente inverso, já que a etimologia da palavra cultura advém de natureza, e esta originalmente significa “lavoura”, “cultivo agrícola” ou ainda o cultivo que naturalmente cresce.

O Movimento de Educação Escolar Indígena cresceu em todo o Brasil. No final de 1990, os professores indígenas debatiam em todos os encontros o Plano Nacional de Educação, as Leis de Diretrizes e Base – LDB e Parecer 14/99 do CNE. Com isso, as lideranças e comunidades indígenas passam a articular meios para transmitir os temas tratados nos encontros dos tuxauas, assembléias de professores, e se estende até os dias de hoje essa organização de trabalho.

Vale ressaltar que o saber educacional, aquele que envolve a disciplina e o intelecto do aluno é importante, para que ele tenha base em uma sociedade que o pontua, seja nas provas da escola, do vestibular ou no alcance de metas em um futuro emprego, mas é preciso também durante o processo de aprendizagem, preparar esse aluno para saber se posicionar e analisar com maior profundidade e tenha uma capacidade de opinar, julgar, que deve ser trabalhada ainda na escola, preparando de fato, o cidadão para o futuro.

3.3 Língua Indígena

Em todo território brasileiro, tem-se notado a ideia do monolíngüismo no espaço escolar o que automaticamente reforça o prestígio da língua portuguesa e conseqüentemente o desaparecimento das línguas indígenas brasileiras. Fato que tem levado os professores indígenas com auxílio de alguns linguistas solidários a elaborarem políticas linguísticas que pudessem valorizar as línguas indígenas no Brasil. Contudo, os esforços para isso não têm reproduzido resultados eficazes para solucionar essa problemática, o desaparecimento da língua natural dos povos indígenas no Brasil.

No Estado de Roraima, as políticas de valorização da língua indígena ao que parece não têm alcançado os resultados esperados, pois apesar de diversas lutas do movimento indígena para conseguir incluir o ensino da língua indígena no currículo das escolas indígenas do Estado, ainda não foi conseguido atingir tal objetivo.

Diante desse fato, propõe-se nesse trabalho fazer uma descrição do processo de elaboração de uma “Gramática Pedagógica da Língua Macuxi” para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas, contribuindo para o ensino aprendizagem da educação da Língua Macuxi nas escolas indígenas que ensinam essa língua.

Em relação ao bilingüismo e a aquisição de língua como efeitos de aprendizagem, será necessário discutir alguns conceitos importantes, como por exemplo: Primeiro, o que é língua?

Pietroforte (2010), citando Saussure afirma que uma língua é definida como um sistema de elementos. Para entender essa definição, deve-se definir o que é um sistema e o que são os elementos que formam um sistema lingüístico.

Pode-se definir um sistema um conjunto organizado em que um elemento se define pelos outros. Um conjunto é uma totalidade de elementos quaisquer. Se eles estão organizados, isso quer dizer que um elemento está em função dos outros, de modo que a sua função se define em relação aos demais elementos do conjunto. (PIETROFORTE, 2010, p.82)

O estudo do bilingüismo numa comunidade pode contribuir para a valorização da língua materna. Silva (2001), acredita que esse estudo pode evitar a perda das línguas maternas indígenas que correm o risco de se

extinguir. Já para Hamel (1984), que nos instrui a respeito de quando a língua materna minoritária deixa de resolver tarefas comunicativas, deixa de contribuir para a organização cultural, política, econômica, social e religiosa da comunidade, passa a receber mais passivamente a língua da sociedade dominante, momento em que se inicia o detrimento da língua indígena em relação à língua dominante.

O fenômeno do bilingüismo, causado pelas misturas de culturas, pois é presumido que duas ou mais culturas estão convivendo, se comunicando em duas ou mais línguas. Assim como as línguas e religiões, tanto de indígenas quanto dos *karaiwa*⁷, todas presentes dentro de um mesmo ambiente (comunidade), tem provocado o desaparecimento da língua macuxi, uma vez que os mais jovens praticamente só falam a língua portuguesa, língua majoritária.

Nesse contexto, a escola ocupa lugar de maior destaque como formadora de valores, e que esses mesmos valores (língua, cultura, religião, misticismo etc) precisam ser trabalhados em todas as séries. Para os Macuxi, essas reflexões podem ajudar os professores a construir um projeto político-pedagógico que permita a adoção de metodologia de ensino bilíngue favoráveis à valorização das línguas macuxi e portuguesa. Ajudam também a compreender os diferentes campos do saber, além de propiciar o diálogo entre os conhecimentos locais e os saberes universais.

Segundo Brito (2015), de acordo com o censo do IBGE (2010), os Povos Indígenas são falantes de cerca de 274 línguas originárias, a maioria delas em grave risco de extinção, dado o impacto da expansão do uso da língua portuguesa nos territórios indígenas. Esta diversidade lingüística implica em enorme heterogeneidade de situações sociolingüísticas vivenciadas pelos povos, desde o monolíngüístico em língua indígena, bilingüismos com predominância ora da língua indígena ora da língua portuguesa, monolíngüístico na língua portuguesa e multilingüístico, realidade característica do Povo Macuxi.

⁷ Homem branco, na Língua Macuxi.

Assim, os direitos lingüísticos dos Povos Indígenas assegurados na Constituição de 1988, trazem a atenção para as diferentes realidades das comunidades, em termos de bilingüismo e/ou multilingüístico em algumas regiões nas quais falantes e comunidades indígenas usam no dia a dia, além de duas ou três línguas maternas, o português e as línguas usadas nos países fronteiriços. Maia (2006), assevera que:

[...] todas as línguas têm uma gramática complexa que permite que seus falantes as utilizem com diferentes finalidades, satisfazendo suas necessidades psicológicas e sociais eficientemente. Se uma língua ou uma variante de uma mesma língua se torna mais “prestigiada” por uma comunidade do que outra, isso não decorre de diferenças entre suas propriedades gramaticais, mas de fatores políticos, econômicos ou sociais. Assim, a afirmação de que uma língua é uma “gíria”, ou um “dialeto primitivo” menos desenvolvido do que outra, é equivocada e revela, apenas, a ignorância e o preconceito de quem a faz (p. 40).

No conhecimento sobre as realidades sociolingüísticas, é importante problematizar a situação do uso da língua portuguesa como língua materna indígena. Muitos povos indígenas foram, no processo histórico, forçados a deixar de falar suas línguas originárias e adotarem a língua portuguesa, pois de acordo com Luciano (2006),

Os índios que sobrevivessem às guerras provocadas e aos massacres planejados e executados deveriam compulsoriamente ser forçados a abdicar de seus modos de vida para viverem iguais aos brancos. No fundo, era obrigá-los a abandonarem suas terras, abrindo caminho para a expansão das fronteiras agrícolas do país. O objetivo, portanto, não era tanto cultural ou racial, mas sobretudo econômico, guiando toda a política e as práticas adotadas pelos colonizadores. (p. 41).

A língua indígena deve ser considerada como um elemento cultural de extrema importância para a autoestima e afirmação de identidade de um determinado grupo étnico, isto ao lado de outros elementos que podem ser culturais, como por exemplo a relação com a terra, a ancestralidade cosmológica, as tradições culturais, os rituais e as cerimônias, (LUCIANO, 2006).

Vários pesquisadores vêm demonstrando que as variedades da língua portuguesa que é utilizada pelos povos indígenas são marcadas pelas diferenças culturais e que, portanto, essas variedades espelham a apropriação que um povo fez da língua portuguesa.

3.4 O Professor Indígena

Os professores indígenas têm a difícil responsabilidade de serem os principais incentivadores à pesquisa dos conhecimentos tradicionais junto aos membros mais velhos de sua comunidade e sua difusão entre as novas gerações, visando à sua continuidade e reprodução cultural; assim como estudarem, pesquisarem e compreenderem os conhecimentos reunidos no currículo escolar à luz de seus próprios conhecimentos. Referenciais para formação dos professores indígenas, (2002)

Conforme Referenciais dos Professores Indígenas (BRASIL, 2002), exponho alguns pontos de como as comunidades indígenas aceitam que seus profissionais trabalhem.

- Reconhecer-se e ser reconhecido como pertencente a comunidade/povo indígena a que funciona a escola;
- Ser apoiado e indicado pela comunidade por meio de suas formas de representação políticas;
- Estar sensível as expectativas e as demandas da comunidade relativas à educação escolar de seus membros;
- Saber dialogar com as lideranças de suas comunidades, com pais e alunos;
- Relacionar-se de forma respeitosa com a comunidade, ajudá-la nas dificuldades e defender seus interesses;
- Agir de acordo aos compromissos assumidos com a comunidade;
- Ter comportamento compatível com a organização social e cultural da comunidade e com suas regras e princípios;
- Demonstrar interesse pela aprendizagem e desenvolver os tipos de sabedoria (didático – pedagógico, psicossociais, culturais e políticos) implicados na função;
- Desenvolver interesse e desenvolver capacidades bilíngues nas modalidades orais e escritas no português e na língua indígena materna (quando estas são faladas ou conhecidas);
- Conhecer, valorizar, interpretar e vivenciar as práticas linguísticas e culturais consideradas significativas e relevantes para a transmissão e para a reprodução social da comunidade
- Tornar-se progressivamente pesquisador, estimulador e divulgador das produções culturais indígenas entre as novas gerações e nas sociedades envolvente;
- Tornar-se um intelectual que reflete e faz e refletir criticamente sobre a realidade do seu povo nas atuais circunstâncias e ajuda a transformá-la;
- Respeitar e incentivar a pesquisa e estudo dos conhecimentos relativos a sociedade e ao meio ambiente junto dos mais velhos, dos caciques, das lideranças e dos demais membros de sua comunidade;
- Tornar-se um líder capaz de mobilizar outros, a partir dos espaços educacionais, para identificar, entender e buscar soluções para os problemas da comunidade.
- Ser criativo e participar de sua comunidade profissional, trocando experiência com outros professores indígenas e não indígenas;
- Ser conhecedor e transmissor dos direitos e deveres das sociedades indígenas no país e no mundo;

- Ser capaz de conhecer seu trabalho de forma abrangente, apoiando o preparo do aluno para a vida social;
- Participar do cotidiano da aldeia, dos eventos culturais e tradicionais de seu povo;
- Desenvolver e aprimorar os processos educacionais e culturais dos quais é um dos responsáveis, agindo como mediador e articulador das informações entre seu povo, a escola e a sociedade envolvente.
- Relacionar a proposta pedagógica da escola à proposta política mais ampla de sua comunidade relativa ao seu presente e futuro;

O artigo 65 da LDB diz que a educação escolar indígena para ser realmente específica, diferenciada e adequada às peculiaridades culturais das comunidades indígenas é necessária que os profissionais que atuam nas escolas pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar. E no artigo 66, diz que os professores índios deverão ter acesso a cursos de formação inicial e continuada, especialmente planejadas para o trato com a pedagogia indígena. Conforme as reivindicações do povo indígena, no estado de Roraima foram atendidas as formações como: magistério parcelado indígena; magistério indígena TAMÍKAN e Licenciatura Intercultural- INSIKIRAN/UFRR.

3.5 Desafios do Professor Indígena

O professor indígena tem à sua frente um enorme desafio diante de inúmeras tensões que podem surgir com a introdução do ensino escolar: choques de lideranças, valorização de novos conhecimentos em detrimento das práticas e ciências indígenas, supervalorização da escrita em detrimento da oralidade, entre outros.

Assumindo que a escola pode, gradualmente, deixar de ser concebido como instituição externa, como um território estrangeiro, o professor enfrentará, então, o desafio de torná-la espaço possível de interculturalidade. Para isso, é fundamental que o professor considere sua comunidade educativa de origem. É como parte de sua comunidade que deve contribuir na busca de novas respostas e soluções para os problemas que ela enfrenta. Colocando a escrita a serviço de uma nova expressão, buscando inspiração no patrimônio intelectual de seu povo, adicionando novos saberes aos conhecimentos ancestrais. Assim, toda nova aquisição de conhecimentos deverá fortalecer a comunidade e contribuir para as soluções de problemas comuns.

Os desafios que os povos indígenas enfrentam na atualidade exigem dos professores indígenas uma postura e um trabalho adequado e responsável. Devem estar comprometidos em desenvolver o processo de ensino-aprendizagem não como único detentor de conhecimentos, mas como articuladores, facilitadores, intervindo, orientando, problematizando, sem desconsiderar a atitude de curiosidade dos diversos alunos para os novos conhecimentos e de reflexão crítica por parte de todos os que participam dela.

Daí a importância central da formação do “professor pesquisador”. Ele deve tornar-se um interlocutor entre as aspirações da comunidade, as demais sociedades e a escola, enquanto representante do apoio à transmissão e criação cultural: incorpora e socializa a escrita e outros instrumentos, recursos de expressão e comunicação cultural.

Segundo Referencial Curricular Nacional (1998);

Também é tarefa do professor ser capaz de, com seus alunos e parentes, identificar e propor algumas das respostas aos novos problemas gerados pelo contato mais amplo com o que se costuma chamar sociedade nacional em sua diversidade. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL (1998, p. 43).

Assim, o professor indígena é aquele que ensina ou multiplica, além dos seus conhecimentos universais próprios, os conhecimentos culturais de seu povo. Na comunidade é considerado uma das lideranças junto ao tuxaua.

3.6 A cultura, a identidade e o professor indígena

Segundo Terry Eagleton (2000);

[...] a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou coletivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado”. (2000, p. 18).

Já para o autor Stuart Hall (2002), é afirmado que a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade.

Nesse sentido, para os professores indígenas “ser indígena” vai além de uma identidade agregada a todos esses fatores citados pelo autor. O professor não está só para demonstrar os conhecimentos, mas sim para defender a história de um povo, os primeiros habitantes. Neste contexto, a identidade do professor indígena apresenta estar ligada a uma política que os obriga deixar de ser aquilo que ele era, um ser capitalista para interesses da sociedade civil

e não um ser social, cultural e intercultural referente à sua identidade. Silva afirma (2019, p.31) que “a identidade está sempre em movimento, pois é fragmentada, cambiável e tem totalidades históricas que se constroem mediante práticas de representação”. Esta afirmação por sua vez é marcada pela diferença.

Algumas dessas capacidades apresentam-se como pré-requisitos importantes para escolha dos professores, outros como indicadores de sua atuação dentro dos parâmetros do que entendeu como um “bom professor”.

O povo indígena vem lutando incansavelmente para que a suas culturas e identidade sejam mantidas vivas. Discutem sobre isso nas assembléias de organizações indígenas. Porque se entende que cada povo tem o direito de viver feliz e usufruir o que tiver ao seu alcance.

Diante de tudo que foi exposto sobre a formação do professor indígena, pode-se concluir que a Educação Escolar Indígena é uma questão ideológica.

CAPÍTULO IV

4. SÍNTESE DE MINHA AUTOBIOGRAFIA: CAMINHO DA VIDA PROFISSIONAL PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Nascida na comunidade indígena de Pacú, Município de Normandia, eu, Adine da Silva Ramos, indígena do povo Macuxi, professora, cuja experiência iniciada em escolas estaduais indígenas com Ensino fundamental e Ensino Médio, desde 1991 até a data atual. Moradora da comunidade indígena de Contão, município de Pacaraima, da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Filha de professor indígena e mãe doméstica, irmã de 9 irmãos entre 6 mulheres e 3 homens. Órfã de pai aos 9 anos de idade e de mãe aos 25 anos. Quando criança admirava o trabalho de meu pai na sala de aula. Na minha adolescência, me dedicava nos meus afares em casa em seguida a minha dedicação era nos estudos na escola onde andava a 1 km a pé para estar numa sala de aula.

Na minha vida profissional, tive experiência de trabalhar com os alunos desde o primeiro ano do ensino fundamental ao médio, experiência essa que jamais irei esquecer. Assim como os demais professores indígenas fui para a sala de aula praticamente sem preparo, sem experiência pedagógica, estava iniciando o curso de magistério normal parcelado, que qualificava os professores para a sala de aula de modo geral na época, não tinha o magistério parcelado indígena. Para dar aula, me baseava em alguns livros didáticos, para fazer o plano de aula e repassar aos alunos. Pois a escola era *unidocente*, tinha apenas eu como professora e tinha que atender na limpeza e fazer a merenda escolar.

Após a escola anterior, trabalhei durante 10 anos na Escola Estadual Indígena José Marcolino. Uma escola que, na época, dificilmente concordava com a implantação do ensino diferenciado Indígena por não compreender o que realmente o povo indígena queria mudar, a comunidade rejeitava a inclusão da língua indígena na escola. Hoje, depois de alguns diálogos já se percebeu que se dá o valor às culturas nesse local, principalmente a Língua Indígena Macuxi. De 2003 a 2008, trabalhei na Escola Estadual Indígena Índio

Gustavo Alfredo, situado na Comunidade de Araçá da Serra, região do Baixo Cotingo, Município de Normandia, Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Naquela escola o trabalho foi praticamente igual às outras escolas indígenas das quais eu já havia trabalhado.

Como indígena não podia realizar trabalhos diferenciado, planejávamos as aulas conforme a estrutura dos livros didáticos enviados pelo o MEC para a escola que traziam conhecimentos de um mundo alheio aos povos indígenas e, para mim, era uma preocupação de como ajudar a escola na valorização das culturas, inclusive no uso da língua Macuxi. De 2009 a 2012, como militante da Organização dos Professores Indígenas de Roraima/ OPIRR, trabalhei como coordenadora pedagógica no Magistério Indígena TAMI'KAN, no CEFORR.

Era muito difícil realizar trabalhos naquele local, pois o sistema não atendia de forma integral o ensino diferenciado. Esta instituição atendia os cursistas que tinha concluído o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Cursista com especificidades de povos que falavam 7 Línguas indígenas diferentes que são elas: Macuxi, Wapichana, Ingaricó, WaiWai, Yanomami, Yekuana e Saporá. O curso atendia aproximadamente 200 cursistas.

No meado de 2012, trabalhei na Divisão Indígena na SEED como coordenadora pedagógica. Naquele setor, foram vivenciadas muitas necessidades para atender bem aos povos indígenas, a Divisão muitas vezes ficava sem recurso para atender aos pedidos das escolas para participar de reunião escolar na comunidade, construção do projeto político pedagógico das escolas. Em 2014, trabalhei no censo escolar da SEED, ali nascia uma nova experiência pessoal para mim, em um setor que atendia todas as escolas do estado, uma chefia não indígena e a maioria dos colegas não eram indígenas. Mas o trabalho como técnica foi de grande valia.

No início de 2016 assumi o cargo de diretora do centro, Amooko Januário/ SEED (centro de educação escolar). O centro atendia 28 escolas 1.150 alunos, escolas de pequenos portes. As metodologias de trabalho nas escolas não fugiam de trabalhos que havia exercido anteriormente, trabalhava sempre em busca de melhoria da educação escolar indígena, lutava em prol dos povos. Por fim, em agosto de 2017, voltei a trabalhar na escola José Marcolino na comunidade de Contão. Observei que houve muitas mudanças.

Em vista do ensino dos anos 90, a escola estadual indígena José Marcolino hoje, procura trabalhar respeitando e valorizando a cultura de cada povo.

A minha vida estudantil, após basicamente 10 anos parada no tempo sem estudar, começa a reviver. Em 2003 iniciei uma graduação, o curso em Licenciatura Intercultural na Universidade Federal de Roraima – UFRR, a partir desse curso me veio o conhecimento maior quanto à carência da prática pedagógica vivenciada nas comunidades indígenas. Durante o curso da graduação executei um projeto cuja finalidade era valorizar o uso da língua indígena por parte de professores e alunos da escola Indígena Índio Gustavo Alfredo, por meio do emprego de Práticas Pedagógicas nas Línguas Macuxi e Português, objetivando a aplicação de uma educação bilíngue. O motivo para realizar o trabalho foi a situação real da falta do uso cotidiano da língua Macuxi, principalmente pelos jovens e crianças e a falta de materiais didáticos pedagógicos. O projeto teve como objetivo: Valorizar as metodologias específicas e diferenciadas quanto à língua indígena aplicada na escola e comunidade de Araçá da Serra.

Em 2017, fiz um curso de Especialização em Diversidade Lingüística e o meu trabalho de conclusão de curso foi um artigo sobre o Ensino de Língua Macuxi e valorização cultural. Tal curso, ampliou a minha inquietação sobre: como fazer para que o povo indígena não deixa com que a língua desapareça? A partir disso, foi construído trabalho sobre a valorização de uso da língua indígena macuxi.

No ano de 2019 iniciei o Mestrado Acadêmico em Educação, o curso que após cursar a graduação no curso de Licenciatura Intercultural, a Especialização em Diversidade Lingüística fez perceber que ainda há muito que aprender sobre os diversos temas relacionados à Educação Escolar e Educação Escolar Indígena que tem nos seus objetivos fundamentais a passagem da cultura de geração para geração.

CAPÍTULO V

5. A CONSTRUÇÃO DA GRAMÁTICA MACUXI: UM OLHAR DESCRITIVO SOBRE FAZERES, SABERES E ESCUTA DAS NARRATIVAS ORAIS.

Esta seção tem como objetivo traçar os processos de construção da gramática Macuxi, descrevendo através de observações e escuta o delineamento dos processos constitutivos da elaboração da gramática do povo Macuxi. Compreendo que ao longo deste caminho é de fundamental relevância trazer alguns recortes das narrativas orais dos atores sociais nas suas respectivas falas uma vez que são vinculadas não só aos processos de aprendizagens, como também aos processos de luta e resistência das nações indígenas.

O processo da construção iniciou no dia 05 de dezembro de 2018, em que a Organização de Professores Indígena de Roraima- OPIRR, juntamente com a Diocese de Roraima, atenderam as reivindicações dos professores indígenas de Roraima para construir uma gramática pedagógica da Língua Macuxi, o interesse disso teria sido as preocupações do povo Macuxi durante uma realização de evento no I Encontro de Professores e Interpretes de Línguas Indígenas de Roraima. Nesse evento, vários professores da Língua Macuxi expressaram uma preocupação sobre a falta de material escrito para o ensino de Macuxi nas escolas, por isso a ideia de convidar a OPIRR para construir material didático.

Por esse motivo estava sendo proposto realizar um estudo com os professores de línguas indígenas construindo uma “Gramática Pedagógica da Língua Macuxi”. Tal obra explicará as ideias gramaticais da língua Macuxi em forma de lições com diálogos e exercícios. Os aspectos gramaticais incluirão os seguintes assuntos: Fonética e fonologia (vogais curtas e longas consoantes e a dinâmica de vozeamento, acento tônico e entonação, padrão de alongamento de vogais na frase); Morfologia (classes de palavras, prefixos e sufixos, tempo e aspecto verbal, papel das partículas); Sintaxe (função do sufixo ergativo-ya nas frases transitivas; posposições) e semântica (sistema de parentesco, empréstimos e neologismos, etc.).

Inicialmente foi pensado em trabalhar com uma pequena equipe de 6 a 8 professores que são falantes da Língua Macuxi, durante 2019 e até 2020, como se tratava em trabalhar com quatro regiões foi decidido convidar 16 professores indígenas falantes da Língua Macuxi, sendo quatro das regiões da Raposa, município de Normandia; três da Região do Baixo Cotingo, do município de Normandia; dois da Região do Surumú, Município de Pacaraima e sete da Região das Serras do Município de Uiramutã.

Nessa construção, entidade responsável da obra seria a OPIRR, tanto na organização do processo do trabalho como também na busca de patrocinadores para a publicação da obra. O trabalho tem como objetivo de construir uma Gramática Pedagógica da Língua Macuxi para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas indígenas.

No dia 10 de janeiro de 2019, foi feito um encontro para consolidar o trabalho entre a Diocese e a OPIRR e montar a equipe que da coordenação do estudo. A equipe organizadora esta composta pelo padre, assessor Lingüístico da Diocese; eu Adine da Silva Ramos, secretária geral da OPIRR, a professora e coordenadora geral da OPIRR. O estudo será realizado pela Diocese de Roraima na responsabilidade do padre que também é doutor lingüístico.

O padre responsável pela coordenação geral veio para o Brasil em 1992 e gosta muito do povo Macuxi, está aprendendo a Língua Macuxi com algumas pessoas da Região da Raposa e das Serras. E está para construir a gramática pedagógica junto aos professores e assessorá-los como lingüista. Ele estava 5 anos fora da Diocese de Roraima, quando voltou, construiu uma bíblia macuxi para crianças da região das serras. Participou do encontro de catequese na comunidade de barro, onde praticamente umas 400 pessoas participavam, foi surpreendido em falar na língua Macuxi, pedindo para que os indígenas se levantassem e apenas 20 pessoas se levantaram os demais não tinham entendido a fala do padre.

O Padre informou que tem 160 línguas indígenas no Brasil. E disse que temos que fazer planejamento lingüístico para não ser perdido o foco de aprendizagem. A diocese tem livro da capa verde projeto de Livro de história e a bíblia, a preocupação com o desaparecimento do uso da língua fez com que trouxesse esse projeto para trabalharmos. O Padre concluiu a sua

apresentação dizendo que os nossos encontros serão trabalhados em 2 etapas: - 1º trabalho de fazer o livro e 2º publicar o livro. O dinheiro vem dos católicos do Canadá que é para ajudar nas passagens e transportes dos participantes, ajuda de custo de modo geral principalmente com a alimentação.

A coordenadora da OPIRR Estadual, da etnia Macuxi, nascida na região das Serras, já conhece o trabalho do padre. E quando ele fez o convite a OPIRR aceitou com muita alegria para trabalhar a Gramática Pedagógica na Língua Macuxi.

No planejamento o estudo iria realizar 5 ou 6 encontros durante o ano de 2019 para fazer o trabalho de elaboração da Gramática, que se estendeu para 2020. O padrão seria o seguinte: chegada à sexta-feira, trabalho no sábado (de manhã, a tarde e à noite), retorno no domingo. E quanto ao local de trabalho, a OPIRR cedeu a sua sede para ser utilizado.

5.1 O caminhar nas interações coletivas e vozes para a construção da fala no papel

No percurso de realização das atividades se desencadearam sete numa compreendidas em suas dimensões de interações promovidas pelas apresentações, cordialidades, experiências no que se referem aos percursos habilidades, repasses de experiências ou trajetórias acumuladas para que se garanta colocar as falas através das vozes no papel, que sistematicamente é resultante de um empoderamento da cultura ocidental denominado gramática. Segundo Aurélio (1975) gramática é “o estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam”. (p.697)

A primeira atividade foi no dia 02 de fevereiro de 2019, às 8h e 40 minutos iniciamos o primeiro encontro com os professores convidados, que aconteceu na sede da OPIRR situada na rua Estácio Melo, 227 no bairro jardim floresta na cidade de Boa Vista/RR. Primeiramente saudamos a todos os professores presentes. Em seguida, foi feita apresentação de todos os participantes presentes. Nesse dia compareceram apenas 06 professores que foram convidados.

Além dos professores convidados oficialmente, compareceram também alguns professores que foram convidados verbalmente, que vieram da região do Baixo Cotingo e Surumú, assim como duas esposas acompanharam seus maridos para a formação.

Na coordenação estávamos presentes os três professores; eu, a coordenadora da OPIRR e o padre (que é assessor e será o mediador. Os demais professores convidados não compareceram, também não justificaram suas ausências. Já esperávamos o não comparecimento de alguns, mesmo sem justificar, considerando a possibilidade das cartas que foram enviadas pelos portadores devem não ter chegado a tempo, mesmo assim, não perdemos a esperança de que no próximo encontro eles estariam presentes. A seguir descrevo, de forma sucinta, a apresentação que os participantes fizeram:

A coordenadora da OPIRR é indígena, nascida na região das Serras. Os professores participantes são distintos em formação e conhecimento da língua Macuxi.

Temos uma professora Macuxi, da região das Serras, trabalha com disciplina de Língua Macuxi na escola, um professor que ministra a disciplina de matemática, mora na comunidade de Ubarú no município de Pacaraima, ele não é professor de Macuxi, fala pouco e escreve pouco a Língua Macuxi, porém esteve contribuindo com todos. Um professore ministra a disciplina de Língua Macuxi na *Escola Estadual Indígena Macuxi Floriano*, trabalhou na comunidade de escondido, canavial e agora está na Comunidade de Sete Flores da Região do Baixo Cotingo no município de Normandia.

Participa um professor que leciona na Escola Estadual Indígena Gustavo Alfredo, mora na comunidade de Araçá da Serra, ajudou na tradução de alguns livros de língua macuxi, trabalho realizado pelo mesmo padre que está organizando a gramática.

Contribui uma professora da disciplina de Língua macuxi de 1º ao 5º ano da escola estadual indígena Marechal Deodoro da Fonseca da comunidade de canavial. Tem um sábio linguista, ancião/mestre da comunidade Ubarú. Esse sábio nunca estudou muito na escola, angariou pouco conhecimento na missão, porém, escreve e lê pouco, mas é falante da Língua Macuxi e sua

esposa, a sábia mestra anciã que também nunca estudou, aprendeu apenas escrever seu nome, não é alfabetizada, fala pouco o português e é falante fluentemente da língua Macuxi, ensina os outros com cantos e danças, seus familiares vem da etnia wapichana e macuxi. Não aprendeu a falar a língua wapichana só a língua Macuxi.

Outro participante da pesquisa é um professor da escola estadual indígena Coronel Mota e morador da Comunidade de Olho d'água, trabalha com as turmas desde 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio na língua Macuxi e participa do curso de saberes indígenas.

Tem a participação de uma senhora que é da etnia patamona, filha de mãe Macuxi do Maturuca e de professora que é moradora da comunidade de Laural, da região da Raposa e não é falante da Língua Macuxi, não escreve, não lê, só entende a fala Macuxi, que aprendeu participando das assembleias e reuniões.

Contribui com a construção da gramática a professora, residente na comunidade de Bismark, região da Raposa, município de Normandia, que, cresceu falando o Macuxi. Uma senhora que trabalha no Centro Mairari (Centro de Educação Escolar I indígena/SEED, da região de Surumú, do município de Pacaraima, convidada pela OPIRR, apesar de falar e escrever pouco a língua Macuxi e uma senhora, que não é professora, não sabe falar bem o Macuxi, escreve pouco e lê pouco a língua também, mas ajuda o marido.

Pode-se constatar que maioria dos participantes presentes querem contribuir na construção da gramática. Estas disposições se configuram como um marco significativo próprio dos povos indígenas.

Percebi que os atores desta construção, 10 participantes são falantes fluentemente da Língua Macuxi, sabem ler e escrever bem a língua, duas participantes e eu, Adine, falamos pouco, escrevemos pouco e lemos pouco. Uma não sabe falar a língua, não sabe escrever e nem sabe ler a língua Macuxi, participou na construção da gramática dando ideias. Assim, todos estão com intuítos de aprenderem e ensinarem a Língua conforme os seus conhecimentos.

Muitos dos que estavam presentes tiveram dificuldades financeiras para chegar para formação. Alegaram que a passagem de um transporte é muito

cara, por isso se tornava bastante complicado para chegar. Após a conclusão das apresentações, deu por encerrada a primeira parte da aula. A tarde foi elaborado coletivamente o cronograma com todos os presentes, ficando previsto o horário do curso das 8h às 20h. 12 horas por dia, em 2019. Ficou definido também que o local dos encontros será na sede da OPIRR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima) com 16 participantes, foram definidos que teriam 6 encontros presenciais no ano de 2019 e o ano de 2020 se organizaria no próprio ano. Sendo que um dia será para chegada, um dia de atividade e um dia para retorno. Toda atividade do ano de 2019 aconteceu de forma presencial, concluído o ano 2019 foi feito o planejamento do ano de 2020, e nesse ano foi realizado de forma presencial e virtual pelos cuidados tomados sobre a pandemia.

Segue cronograma das atividades realizadas na construção da Gramática.

Quadro 1: Cronograma das Atividades

PERÍODO	ATIVIDADE	REALIZAÇÃO
01, 02 e 3 de Fevereiro de 2019.	Planejamento em conjunto; Apresentação individual de cada participante; construção da gramática: vogais, fonética e fonologia.	Presencial
26, 27 e 28 de Abril de 2019.	Informes geral do encontro; construção de palavras em macuxi com as letras X e S e Je Z.	Presencial
09,10 e 11 de Agosto de 2019	Apresentação do trabalho anterior e construção de diálogo e pequenos textos.	Presencial
06, 07 e 08 de Setembro de 2019	Construção de atividade: Diálogo, gramática, exercício, e o jeito de ser macuxi (cultural)	Presencial
04, 05 e 06 de Outubro de 2019.	Construção de atividade: Diálogo, gramática, exercício, e o jeito de ser macuxi (cultural)	Presencial
08,09 e 10 de Novembro de 2019	Construção de atividade: Diálogo, gramática, exercício, e o jeito de ser macuxi (cultural)	Presencial

27 e 28 de Dezembro de 2019	Análise do primeiro boneco da gramática.	Presencial
21 e 20 de fevereiro de 2020	Análise do Segundo boneco da gramática.	Presencial
27 e 28 de março de 2020	Preparação do terceiro boneco.	Cancelado
03 de março à 04 de abril de 2020.	Entrega dos trabalhos feitos à distância, ao padre.	Virtual
23 de março à 17 de junho de 2020	Preparação do terceiro boneco.	Virtual
01 de julho à 08 de julho de 2020	Análise do terceiro boneco pelo padre.	Presencial
13 de Agosto de 2020.	Socialização dos trabalhos construídos.	Virtual
18 de Agosto de 2020	Socialização do andamento dos trabalhos realizados a distância.	Virtual
25 de Agosto de 2020	Apresentação do quarto boneco da gramática.	Virtual
04 e 05 de setembro de 2020	Revisão do quarto boneco e encaminhamento para o penúltimo boneco da gramática.	Presencial
19 e 20 de setembro de 2020	Revisão final do boneco da gramática.	Presencial

Fonte: Autora, 2021.

Os Livros utilizados na construção: Gramática da Língua Macuxi. A obra do Amódio e Pira, *Makusi Maimu* (3ª edição, 2007). Concluído o planejamento, todas as pessoas presentes receberam a cópia do cronograma para não perder os dias dos encontros. E que também se responsabilizariam para convidar outros professores para fechar a proposta de número inicial de participantes. Em seguida a aula foi instruída pelo padre e tendo como recurso um Datashow ele apresentou os assuntos que seriam trabalhados como:

1. (Fonética, fonologia, morfologia e sintaxe)

1. Lição 1- As vogais.
1. Escrever pequeno diálogo ou texto.
2. Pequenas apresentações das vogais existentes na Língua Macuxi.

Primeiramente o padre deu uma orientação sobre o que é fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, apenas para lembrar aulas da língua portuguesa. Poucos participantes lembraram sobre as definições dos assuntos. Como vimos alguns nunca foram para uma sala de aula, mas estiveram atentos nas explicações que o padre fazia. Em seguida, foi dada a segunda atividade. Em equipe de 2 ou 3 pessoas que fizessem um pequeno Texto. Os participantes ficaram à vontade para escolher o tipo de texto, a atividade seria para analisar os conhecimentos dos participantes na escrita e leitura. A minha equipe escreveu a história de caju.

O primeiro encontro foi bem proveitoso, houve um pouco de atrapalho na organização, pelo espaço que ficou pequeno e sem ventilação, mas isso não foi o caso para que ficássemos sem trabalhar. Todos se empenharam nas atividades. Tanto aqueles que tinham escolaridades quanto aqueles que não tinham, ficaram bem à vontade em falar, enquanto os que sabiam escrever, escreviam.

Eu me vi um pouco perdida em ajudar os demais colegas, por não saber falar, ler e nem escrever bem. Mas estive ali, presente, dando opiniões em algo que estava sendo feito. Às 19 horas e 30min encerrou o primeiro encontro, da qual acolheu 12 participantes. A formação durou basicamente 10 horas com intervalo de 2 horas para as refeições e 15 minutos para os lanches.

A segunda atividade ocorreu no dia 27/04/2019. Como havíamos definido os dias, todos os 12 participantes estariam sabendo da data, por esse motivo não foi mais enviado cartas, ficou definido também no plano que cada um de nós participantes presentes no primeiro encontro convidaria alguém de compromisso e que soubessem ler, escrever e falar a Língua Macuxi, que quisesse ajudar no trabalho, por que queríamos chegar com uma estimativa de trabalhar com 16 participantes. Nesse encontro estavam presentes 12 professores. O trabalho iniciou às 8 horas com boas-vindas do padre e eu/Adine e, antes de repassar os informes gerais e orientações sobre o

trabalho, foram repassados a palavra aos participantes que estavam chegando pela primeira vez na formação para que fizessem suas apresentações pessoais.

O primeiro que se apresentou foi um professor dizendo que é morador da comunidade Volta do Teso da região do Baixo Cotingo, município de Normandia, que tem como língua materna o Macuxi e o português é sua segunda língua.

O outro docente participante de nosso trabalho é da comunidade Santa Rosa, o professor da Escola Estadual indígena Tuxaua Lobato e Falante da Língua Macuxi.

Nesse encontro, apenas um docente que havia participado no encontro anterior, não estava presente, pois faleceu de parada cardíaca.

Após a apresentação dos participantes o Padre deu os informes e lamentou também a morte do professor, fez uma observação no planejamento, disse que foi informado por alguém que a carta de convite não chegou para duas pessoas da região das Serras e para um da região da Raposa e acha que por esse motivo não conseguiram está presente no encontro. Em seguida realizamos a atividade do dia.

1. Escrever várias palavras na língua Macuxi. Essas palavras seriam para identificássemos se elas tinham silabas leve ou silabas pesadas. Escrevemos quaisquer palavras soltas em Macuxi como:

Quadro 2: Palavras na Língua Macuxi

I pisîwya	<i>Pegar</i>
Ikonekauya	<i>Guardar</i>
Eseremanto	<i>Estudar</i>
Etauya	<i>Ouvir</i>
Eseuruma	<i>Falar</i>
Kareta	<i>Caderno</i>
Eserenka	<i>Cantar</i>
Menukauya	<i>Escrever</i>

Após a escrita, lemos as palavras por várias vezes para identificar as sílabas pesada ou leve. Durante a atividade realizada surgiu uma dúvida de uma pessoa, se podia ser escrita palavras com a letra X, pois segundo ela, não se escrevia palavras em Macuxi com a letra X, na gramática (Makuxi Maimu Língua Makuxi). Verificando a situação o padre então nos pediu para que escrevêssemos várias palavras soltas com a letra x.

Quadro 3: Palavras com X na grafia

Xapîrî -	<i>Piaba</i>
Ximi'poro	<i>Por ali</i>
Xeruku	<i>Mentiu</i>
Xi'po	<i>Pelo</i>
Xoroka	<i>Derrama</i>
Xu'ta	<i>Urinar</i>
Xumari	<i>Ralo</i>
Xuuka	<i>Espremer</i>
Ximiriki	<i>Pequeno</i>
Xirîkî	<i>Periquito</i>

Pela parte da tarde continuamos a atividade escrevendo e lendo individualmente as palavras escritas com a letra x, para os participantes foi muito fácil escrever as palavras, não tiveram muitas dificuldades em encontrar palavras para escrever, por que eram escritas palavras com a letra S e se pronunciava com o som de X. Por exemplo: si'po, na língua macuxi, escreve com a letra S e ler com o som de x (xi'po) que na língua portuguesa significa cabelo ou pelo. Então se tornou mais fácil para lerem e escreverem as palavras.

Para mim, se tornou mais fácil a maneira de escrever as palavras, porque eu pude escrever e ler as palavras com as mesmas letras e pronúncias. Em seguida, fomos para outro assunto, escrever frases que contêm o sufixo negativo – ya, o qual exemplificamos a seguir: O sujeito do verbo na frase transitiva leva o sufixo – ya. O exemplo a ser apresentado, foi feito por mim e

dois colegas. ***Paaka era'ma'pî akareya*** – o boi viu o jacaré- ***Akare era'ma'pî paakaya***- o jacaré viu o boi

Esses exemplos são apenas alguns de outros que os demais participantes escreveram. A dinâmica era escrever e ler individualmente as frases. Os participantes escreveram muitas frases nos seus cadernos. Eles conseguiam redigir sem nenhuma preocupação de erros ortográficos porque o assessor lingüístico, o padre, dava a eles segurança no que escreviam. E depois iriam fazer as correções necessárias. Eu me via numa aprendizagem perfeita para aprender a escrever palavras na Língua Macuxi.

Encerramos as atividades às 18 horas, o padre nos repassou as orientações para próximo encontro que será no 09/08/2019. As atividades seriam trazer escritos alguns diálogos na língua Macuxi, cada um deve criar temas para o diálogo. Foi deixado também em aberto para todos os participantes escolherem um assunto como: escrever frases que contenha vogais curtas ou vogais alongadas.

A construção da atividade solicitada para o próximo encontro ficou a critério de todos os participantes, mas que estivesse dentro do plano traçado pela coordenação do trabalho. Os participantes concluíram as atividades do dia com bastante ânimo, percebeu-se que despertou mais ainda o interesse em praticar o uso da Língua Macuxi com frequência. Todos nós, desde os participantes até os coordenadores falávamos na Língua Macuxi.

Os alimentos oferecidos não eram de origem indígena, mas não houve problemas porque todos estão acostumados a comer frangos, verduras, leite, arroz, feijão, farinha e outros. Mas houve comentários referente a damorida, figura na próxima página.

Damorida é o prato predileto do povo indígena, feito com carne ou peixe com tipo de pimentas variadas. A coordenação está estudando meios para comprar o peixe, a pimenta e o beiju para oferecer a eles. E quanto à bebida, o Caxiri também faz falta para eles. Mas entendem que os sucos naturais de acerola e cupuaçu, também fazem bem para saúde deles.

Imagem 1: Damorida e Caxiri à mesa



Fonte: Artista Artênio de Lima Silva

A cultura de povo deve ser valorizada, por isso, percebo que cada participante que esteve comprometido nesse trabalho apresentava segurança sobretudo da forma como o material deveria ser construído. Mesmo aqueles que não falam fluentemente a língua indígena, se esforçam para dá o melhor de si no curso, falando palavras e frases na língua Macuxi.

A terceira atividade foi realizada no dia 10 de agosto de 2019, teve início às 7horas e 30 minutos a formação com o café da manhã. Na mesa tivemos pão, ovos, mingau de tapioca, café e leite. Estiveram 07 participantes presentes. Às 8 horas iniciaram as atividades do dia com as apresentações de trabalhos realizados pelos professores. Primeira apresentação foi de um professor que escreveu na língua Macuxi o porquê do canto de Parixara.

Pariisara pî Manaanîto (o canto de parixara)

*Pena pemonkonyamî mananupîti'pî tîwîrî pariisara pî.
Karaiwayamî' ereepamî rape.*

*To' maimu ya inkamoro eseerenka'pî timuku'kon enuupa'pî to'ya
more pata'pai to' ko'manînto kaisirî. Karaiwayamî' ereepamî'pî
tîpo, uyeeserukon samantasa' man, anna ko'manîto' ya
uyeeserukon sonîmî'pî man anna kore'ta yapai. Pariisara pî
mananu pra ena'sa' man amooko' ko'ko' paapa' maamayamî'
warantî, tîise era'mai tînpainikon man.*

*Pariisara pî manîima makuusi pe eseurîma maimukon ya.
Eseerenkai kaima tîwîrî anna komanîto kaisirî. Seeni warantî
usenumenkanto man.*

Mîrîrî warantî usenumenkanto.

Imagem 2: Representação da Dança do Parixara



Fonte: Artista Milton Carmelita

Antigamente os povos dançavam o Parixara querendo ou não. Antes que os brancos chegassem. Eles cantavam com seus filhos na língua indígena, ensinavam seus filhos desde pequenos da maneira que viviam. Depois que os brancos chegaram, a nossa cultura foi desaparecendo, fomos perdendo o nosso modo de viver. Não estamos mais dançando o Parixara, mas estamos tentando resgatá-la. E que para isso temos que falar a língua indígena. Não vamos abandonar a nossa cultura, vamos em frente levar o nosso pensamento.

O texto escrito na língua Macuxi, explicava que antigamente o povo indígena dançava somente o Parixara. Antes que chegassem os brancos. Eles ensinavam seus filhos desde criança. Percebeu-se que na escrita do texto a lamentação para não perder as culturas do povo indígena e principalmente a língua indígena. A partir do texto acima foram feitas atividades gramaticais (vogais e consoantes), coloco algumas dessas atividades abaixo:

1. Atividades

Quadro 4: **Ankupî** (Exercício)

1	Eseurîmatokon yu'kî ito'koi.	Vamos responder as frases abaixo
2	Î' pî pemonkonyamî' manunî'pî pena?	De que as pessoas dançavam antigamente?
3	Anî'kan manunî'pî'tî'pî pariisara pî?	Quem dançava o parixara antigamente?
4	Anî' ereepamî'pî anna kore'ta?	Quem chegou no nosso meio?
5	Î' pî uyeeserukon samanta mîrîrî?	Porque a nossa cultura está morrendo?

6	<i>Amîrî pariisara mananuya? Anî'kan, o'non pata moroopai î' pensa?</i>	Você dança o parixara?
----------	--	------------------------

2. O Texto pî eporî'kî tamî'nawîrî maikon letra "p" ke. Ka'kî î' kaima eseurîma, "b" pu "p". O'non yeka pe mîrîrî?

3. Era'makî seeni saakînikon maikon. Mîrîrî "p" eseurîman "p" ou "b"?

ereepamî "eu chego"

eerepamî "você chega"

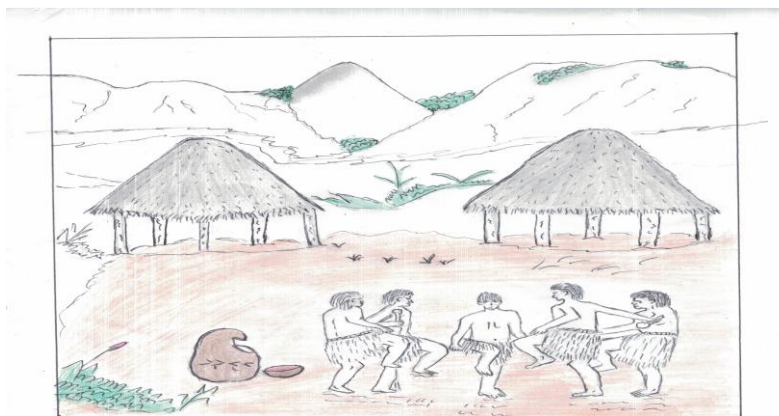
4. Seenikon maikon: inkamoro eseurîman "p" ou "b"

Quadro 5: Uso do p e b

<i>Paapa</i>	Papai
<i>Paruru</i>	Banana
<i>Sanpa</i>	Enxada
<i>U'pu</i>	Meu pé
<i>Pu'pai</i>	Cabeça

Makuusi Seru que em português quer dizer o "jeito do macuxi", atividade proposta por um professor, feito através de desenhos que se sugere colocar os desenhos #1 e #2 e fazer uma pergunta convidando os alunos a comparar o que veem nos dois desenhos.

Imagem 3: Dança do Parixara nas Serras



O Docente 1, iniciou saudando a todos e explanou sua atividade construída fazendo leitura do diálogo e explicando sobre o que estava escrito na Língua Macuxi. Esta forma de se apresentar ou saudar na língua indígena é uma das particularidades significativas em reuniões comunitárias, exposições, ou manifestos que simbolizam os coletivos indígenas.

1. Eseurímanto' (DIÁLOGO)

Seeni eseurumanto wanî ipukunpe tamî'naworonkon makusiyamî pia. Emainonkon eseurîmapîti'pî mîrîrî waranti. Sîrîrî tîpose umaimukonpe awanî. Uurînikon eseurumato'pe awanî. Sîrîrîpe, tiaron weiyai. Esuyawa kapî weiyai. Mîrîrî e'neneseuruwîrîne eseurímanto menunkauya.

Esta nossa conversa é muito importante para todos os indígenas macuxi. Os antepassados falavam assim mesmo. Até hoje estamos falando a mesma língua. Por isso escreveu três diálogos.

A- Ei, yaako, morîi pe nan?

1. Oi cunhado, você está bem?

B-Inna, morî pe wai, yaako. Amîrî kanan, yaako, morîi pe nan

2. Sim, estou bem cunhado. E vc está bem?

A-Inna, morîi pe wai. Í' wani ayeekare nai?

1. Sim, estou bem. Qual a sua história?

B-Uyeekare ton pra man.

2. Não tenho história.

A-Inna karî, yaako!

1. Então está cunhado.

B-Enkuwanî morya

2. Até logo.

A-enkuwanî.

Até logo.

3.No envolvimento da Gramática foi trabalhado os Verbos (presente, passado e futuro). Foram escritas palavras em Macuxi e português.

Sîrîrî pe= presente

Suwaka'pîya= passado

Tiaron pensa ekone'katoya= futuro

Foi dado um exemplo conjugando o verbo no presente.

Kaxiiri tîwatîpî manon man. = A moça está fazendo kaixiri.

Conjugação de verbo no passado.

Maraarî pra moro'yamî' wanî'pî ikuupî ka. = Tinha muito peixe no lago.

Conjugação de verbo no presente.

Wî' poro uutî kupî sîrîrî. = Um dia irei para a serra.

A mesma docente também construiu exercício com algumas perguntas para ser respondidas.

A.Yu'kî- responda

1.Î' kaima verbokon ekaremeto wanî? Como se chama os verbos?

2.O'non eka mai amookopokon eseru ekaremeto? Como era o jeito da palavra que o vovô contava.

3.Tarîpai esenukmenka'kî: î' konekapî? Agora pensa em que vais fazer?

4.O'non mai suwaka'pî ekaremeto? Qual é a palavra que se passou para contar?

5.Sîrîrî tipose verbokon ke eseurumakoi amîrî? Até hoje você fala dos verbos?

B.Seuruwîne ane putî tiaron mai menukakî suwakapîya. Escreva três palavras no passado:

C.Yairî mai e'to'pe yonpatikî verbokon ke: Sîrîrî pe, suwaka'pîya moropai tiaron pensa ekonekatoya.

Complete as palavras com os verbos: presente, passado e futuro

1. Esenupa _____ makusi pe.

2. Meruntî ke makusi _____.

3. Morî pe to' _____.

4. Amenan upon ton _____.

5. U'wi _____.

D. Seeni eseurumanto erenkakî moropai î' kaima verbokon ta awanî menuka'kî:

Escreva as palavras e diga se o verbo está no: presente, passado ou futuro.

1. **Ko'ko'ya o'ma era'ma'pî.** _____.

Vovó viu o bicho.

2. **Patia era'mai uutî sîrîrî (pe).** _____.

Vou buscar melancia hoje.

3. **Îkîi wanî e'ma ta.** _____.

A cobra está no caminho.

4. **Tiaron pensa eseponî.** _____.

Vamos nos encontrar outro dia.

5. **Uyewî' kone'ka kupî sîrîrî.** _____.

A minha casa está quase pronta.

04) Makuusi eseeru. Outra atividade foi “o jeito do macuxi” (CULTURAL)

Esesenkato

Canto

wîttî erenkato

Canto de inauguração de casa:

Eserupanen pî rawayupanen (2x) o estudante vê a luz

Ekekumami-

Eserunpakî waraura (3x).

Estudem alunos.

O terceiro e o último trabalho que foi apresentado iniciaram-se com um diálogo escrito em língua macuxi.

01) Eseurímanto' (diálogo)

A-Î' **seeni, paapa'**? O que é isso papai?

B-Wittî **seeni, manon**. Esta é uma casa filha.

A-Î' **kon seeni, amooko'**? O que são estes vovôs?

B-lwittîkon **seeni, upari**. São os igarapés minha neta.

A-Anî' **mîikîrî, paapa'**? Quem é este papai?

B-Kaware **mîikîrî, unmu**. Meu filho este é o cavalo.

A-Anî'kan **inkamoro, paapai'**? Quem são eles titio?

B-O'makon **inkamoro, unmumanen**. São bichos meu enteado.

A-Î' **mîrîrî, piipi'**? O que é isso mano?

B-Pakaruma **mîrîrî, wîri'si**. Essa é uma darruana prima.

02) Na Gramática ele trabalhou com os pronomes demonstrativos (seeni, mîserî, mîrîrî, mîikîrî, inkamoro)

Os pronomes **seenie mîserî** são utilizados normalmente para indicar objetos que estão próximos da pessoa que está falando. **Seeni** pode ser singular ou plural; **mîserî** indica somente o singular.

Os pronomes **mîrîrî, mîikîrî, inkamoro** são usados para indicar os objetos ou seres que está distante da pessoa que fala. **Mîrîrîe mîikîrî** refere ao singular, e **inkamoro** é plural. Por isso chamam-se “pronomes demonstrativos”.

03)Anku'pî – exercício

1. Sublinhe os pronomes demonstrativos no diálogo.

2. Yu'kî. **Ikaramaposaiya warantî**: Responda as perguntas:

a. **Î' kon karemeto maikon menuka'kî'**? Diga quais os pronomes estão escritos nas frases.

(**seeni, mîserî, mîikîrî, inkamoro, mîrîrî**)(*este, esta, aquele, aquelas, esse e assim*)

b. O'non mai tiwin pî' **eseurímanto'**?

(**seeni, mîikîrî, mîrîrî moropai mîserî**)

c. O'non mai saakîne eseurîmanto karemenen?

(*seeni moroopai inkamoro*)

d. Yairî î'kon maikon karemeto wikakî

i. () seeni, saakîne

ii. () mîikîrî, mîrîrî

e. Seeni patapai yairon wikakî:

i. () Paapa, mîrîrî

ii. () inkamoro, mîserî

3. **Tarîpai maikon î' karemeto wikatî ito'koi-**. Agora vamos sublinhar as palavras.

a. **Maamaya seeni karemekî to'pî.** Mamae vai contar para eles.

b. **Mîserî wî' paapa'ya.** Este o papai vai matar.

c. **Soosi ta mîikîrî wîtî.** Aquele vai para igreja.

d. **Inkamoro eserenka sîrîrî.** Aquelas estão cantando.

e. **Anî' wîtî mîrîrî?** Quem está indo?

04) **Makuusi Seru-** “o jeito de ser macuxi”(CULTURAL)

Eserenkato' – canto

Morî antî'kî, Paapa, morî antî'kî- Dá coisa boa meu Deus, dá coisa boa.

-Anna ko'mantoya, morî antî'kî.- Na nossa morada dá coisa boa.

-Anna esena'kamatoya, morî antî'kî.- Em nosso trabalho dá coisa boa.

-Anna eserenkatoya, morî antî'kî.- Em nosso canto dá coisa boa.

Rirî iipîtanne- Quando a raiva vem,

Rasente iipî tanne (2x) - quando racente vem,

Upîikatîkî Paapa, Paapa, paapa kaatî (2x) - Me ajuda meu Deus, clamam a Deus.

A equipe assistiu as apresentações dos três colegas, após a conclusão das apresentações o padre que estava conduzindo o trabalho deixou para que

os demais participantes verificassem melhor e aprovassem ou reprovassem os trabalhos. Os professores analisaram os trabalhos dos colegas e a maioria aprovou para fazer uma revisão com ajuda dos demais participantes. Às 12 horas, houve o intervalo para o almoço. No almoço fomos agraciados com estrogonofe, feijão, arroz e salada. Tivemos suco de cupuaçu e acerola e na sobremesa tivemos laranjas.

Durante o período da tarde as 13h e 30min, foi retomado o trabalho de formação. O padre repassou as tarefas, como haviam decidido fazer revisão com os demais colegas, cada um ficou com seu par. Estávamos em quantidade de 6 participantes então cada um ficou com apenas um colega para ajudar. As 16 horas houve um intervalo para lanche, foi servido sucos de abacaxi com bolachas. Após o lanche retomamos o trabalho. Como já havíamos concluído a revisão cada equipe fez apresentações dos trabalhos que em seguida foram aprovados para permanecer daquela forma.

Às 18 horas, os participantes juntamente com o padre começaram a pegar assuntos para começarem a fazer para o próximo encontro. O encontro encerrou às 19h e 30min com o jantar servido de uma sopa de frango com legumes e sucos. Assim como em todos os encontros que reúnem povos indígenas os trabalhos iniciam pela manhã e quase sempre terminam no final das tardes ou início das noites. Porém já se inicia um planejamento para dar sequência nos encontros seguintes.

A quarta atividade se deu no dia 07 de setembro de 2019 como quarto encontro. A formação iniciou às 7h e 30min com um café da manhã. Foi oferecido no café, o mingau de mungunzá, pão com ovos e café com leite. Às 8 horas iniciaram-se as atividades do dia com apresentações dos trabalhos. Todo trabalho tem uma sequência de construção de atividades com 3 pontos: diálogo, gramática, exercício e o jeito de ser macuxi.

O primeiro trabalho a ser apresentado, de dois docentes, seguiu a sequência de construção de trabalho da seguinte maneira: 1-diálogo 2-gramática, 3-exercício e o 4 - cultural. Escrevo aqui alguns exemplos dos trabalhos construídos pelos participantes da formação.

1.Eseurîmanto' (Diálogo)

Nos diálogos, mostramos que o sufixo ergativo: marca o sujeito de um verbo transitivo.

A- **Waikin wî'pî yaakoya.**- o cunhado matou veado.

B- **Inna, waikin wî'pîiya wî' po.**- sim, ele matou veado na serra.

A- **Wîtînpainîkon waikin tîrîkai wata pape.**- vamos espantar veado em conjunto.

B- **Inna, wîtîn pai wanî penane marî.** – Sim, temos que ir de manhã cedo.

A- **O'non pata maama'ya pon rona'pî?** - Onde a mamãe lavou a roupa?

B- **Pon rona'pîiya iren ka.** – Lavou a roupa no mar.

A- **O'non pata konoî pî paapa' wîtî'pî?** - Onde o papai foi pescar?

B- **Attî'pî konoî pî Kotinka.**- Ele foi pescar no rio.

2.Makuusi pe karemeto' pe awanî (Gramática) Verbos transitivos e intransitivos.

Na gramática foi trabalhado o verbo transitivo que passa ação para um objeto vejamos:

Paaka era'ma'pî warayo'ya.

O homem viu uma vaca.

Warayo'/ homem é o sujeito, **era'ma'pî**/ viu é o verbo e **paaka**/ vaca é o objeto.

Quando o sujeito passa a ação a um objeto, leva o sufixo –ya: warayo'ya.

É chamado o sufixo ergativo.

Nesta frase, indique o sujeito, o verbo e o objeto:

Warayo' era'ma'pî paakaya.

O verbo intransitivo tem somente um sujeito. Não tem objeto porque não passa ação.

Ex: **Toron eeserenka**. Pássaro canta

3.Anku'pî (Exercícios) os professores deixaram para trazer o exercício dessa atividade na próxima aula.

4.Makuusi Seru- o jeito de ser macuxi (cultural)

(**Eserenkato'** ou panto ou tiaron eseeru karemeto')

A segunda apresentação foi o trabalho produzido por três docentes:

1.Eseurîmanto' (Diálogo)

A- **O'non pata konoi'pî wîtî pai wanî?**- Onde você quer ir pescar?

B- **Wîtîpai wanî konoi'pî iku'pî ka.**- Quero ir pescar no lago.

A- **Î'wani wanî e'nen esewankonomasa mîrîrî yaako?**- Por que você está triste cunhado?

B- **Esewankonomasa sîrîrî piri'ya pra uno'pî wanî e'nen.**- Estou muito triste porque a minha esposa está doente.

A- **Î' pensa inîrî esenyaka'manto wanî?**- Quando vai ter outro trabalho?

B- **kapoi'pî wanî ini'rî.**- Vai ter noutro mês.

A- **Î' pensa wanî wîtî'pî Kuwai Kîrî pona?**- Quando a tia foi para Boa Vista?

B- **Wanî wîtî'pî mineko'manpra.** A tia foi anteontem.

A- **Î'pî awanî mîrîrî eeru?** - O que está fazendo cunhada?

B- **Karetapî' esenka'ma sîrîrî.** – Estou trabalhando num livro.

1.Makuusi pe karemeto' pe awanî (Gramática) Morfologia: verbos: wanî “ser/estar”. Os professores explicaram os verbos na construção do diálogo.

2.Anku'pî (Exercícios)

Criar frases usando os verbos: **wanî** ‘ser e estar:

- a. _____
- b. _____
- c. _____
- d. _____
- e. _____

3. **Makuusi Seru**- o jeito de ser macuxi (cultural)

Nessa parte os professores deixaram para escrever, canto, estória ou outros.

(Eserenkato' ou panto ou tiaron eseeru karemeto')

E dois docentes realizaram a terceira apresentação:

1. **Eseurîmanto'** (Diálogo)

A- **Î' yatai attîkon Seurîwîne Yewan pata ya'?** - Quando é que vão para os Três Corações?

B- **Tuminku yatai anna wîtî penane marî.** – Vamos no domingo de manhã.

A- **Î' wani wane e'nen uurînikon epîrema pepîn tuminku yatai?** - Porque não vamos rezar no domingo?

B- **Kaane, mararî pra anna esenyakamanto' man.**- Não, porque temos muito trabalho.

A- **Î' pî uurînikon esenyakama pepîn tiyaronkon yatai?** - Porque não vamos trabalhar outro dia?

B- **Kaane, tiyaron anna esenyakaman to' man.** -Não vamos porque temos outros trabalhos.

2. **Makuusi pe karemeto' pe awanî** (Gramática) Pronomes pessoais

Pronomes pessoais **yamî manikan pemonkon yamî karimekînen makusi pe seeni warantî:**

Uurînikon: tamînawîrî' pemonkon yamî karemenen annî yakîrî seurumai yatai.

Anna: pemonkonyamî karemenen tiyaron pemonkon mo'kanen yakîrî seurumai yatai

**

Os pronomes pessoais são:

uurî, amîrî, mîikîrî

uurînikon, anna, amîrînikon, to' (inkamoro)

Os professores explicaram que o pronome **mîikîrî** se traduz como “ele” ou “ela”. Tem que saber do contexto o gênero da pessoa referida.

2. **Ankupî** (Exercícios)

* **Tiwin** pronome pessoal eporî'kî tamî' nawîrî pemonkon apisi'nen yakîrî seuruma yatai.

- **Tiyaron** pronome pessoais eporî'kî pemonkon mokañipe yakîrî seuruma yatai.

- **Tiyaron** pronome pessoal epu'nen amîrî? Pemonkon mo'kanen pe.

- **Tiyaronkon** pronomes pessoais iwa'kî moropia to' menukat'kî makusi pe.

- Pronomes pessoais yamî wika'kî seene fraseyamî karî'ta pai.

1. **Arimaraaka katumî'pî uurî karepî.**- O cachorro correu atrás de mim.

2. **Amîrî katumî'pî kaikusi namai.**- Você correu com medo de onça?

3. **Makusipe uurînikon senupanpî man.** - Estamos estudando em macuxi.

4. **Penan anna ta'ponka komîya.**- Amanhã nós vamos viajar a tarde.

3. **Makuusi Seru**- o jeito de ser macuxi (cultural)

Nessa parte os professores construíram um canto.

Wakî'pe, wakî'pe, wakî'pe (4x)

Upîrema.

liri nama, makui namai,

wakî'pe upîrema.

O quarto trabalho, de duas docentes foi:

1. **Eseurîmanto'** (Diálogo)

A – Nonkonpe asere nai?

B – Kane, simonkokon pe man.

A – Î' wanî iwani e'nen, asere nonkonpepra wanî?

B – Korene auruta awesa wenai simonkokon pe wanî.

A – Kaiwarakon arentasa wanîpî kusankon pe?

B – Inna, kusankonpe wanî mîrîrî.

A - Morî amîrî tiarokon yakîrî esenyakamokoi.

B – Inna, esenkamakoi uurî meruntî ke uwanî yenen.

1. **Makuusi pe karemeto' pe awanî** (Gramática) Morfologia. Adjetivos.

Os adjetivos funcionam para descrever substantivos. Exemplos:

[**Akka!** Estes exemplos são de Amódio e Pira (2007, p. 63). Tem que criar novos exemplos]

Kaiwan mîkîrî.

Kusan mîrîrî.

Morî amîrî.

1. **Anku'pî** (Exercícios)

1. **Makuusi Seru-** o jeito de ser macuxi

(Eserenkato' ou panto ou tiaron eseeru karemeto')

O quinto trabalho, foi de três docente:

1. Eseurímanto' (Diálogo)

A- **Entamo'ka pai nan?** - Você quer almoçar?

B- **Kaane, entamo'ka pai pra wai.**- Não, eu não quero almoçar.

A- **Inna karî! Emi'ne pra nan?** - Sim, você não está com fome?

B- **Kaane, emi'ne pra wai. Amîrî kanan, emi'ne nan?**- Não estou com fome. E você está com fome?

A- **Inna, mararî neken. Moro' nai aapia?** – Sim, estou um pouco, tem peixe aí com você?

B- **Kaane, moro' ton pîn uupia.**- Não tem peixe comigo não.

A- **Konoi pî uutî moriya. Uyarakkîrî attî?** - Então vou pescar, você vem comigo?

B- **Kaane, uutî pîn. Moro' yapinen pepîn uurî.** Não, porque eu não pego peixe.

A- Inna moriya. Tarî aako'mamî?-

B- Kaane, tarî uko'mamî pîn, uyewî' ta uutî.

1.Makuusi pe karemeto' pe awanî (Gramática) Formas negativas

Makuusi pe eseurumanto eseru menuka moroopai eseurumanto to yu'se pra enî ya.

Seenikon mai menukapainîkon morîipe panpî e'pu'tîto'pe.

pra pepîn pîn

Tarîpai eseurumanto pe imenuka: Itu'se pra wanî ya,
imaimutîyua seeni panpe:

Kasiri yu'se wai- Eu quero caxiri.

Kasiri yuse' pra wai – Eu não quero caxiri.

Usan yuse wai- Eu quero a minha mãe. **Usan yuse' pra wai-** Eu não quero a minha mãe.

Makuusi pe eseunpa pai wai.- Eu quero estudar o macuxi.

Makuusi pe eseneupa pai pra wai.- Eu não quero estudar o macuxi.

Tarîpai pepîn yarakkîrî eseurumanto menuka:

Eporîuya pepîn.- Não vou encontrar.

Ayarîuya pepîn.- Não vou te levar.

Itîrîuya pepîn. – Não vou te dá.

Moroopai tiwinaopî pe menuka mai pîn yarakkîrî:

Itese' pîn mîikîrî.- Ele não tem nome.

Itekaton pîn mîikîrî.- Ele é pálido.

Sipo pîn waimupî. O rato não tem pelo.

Há 4 formas para expressar o negativo em Macuxi:

kaane é usado para responder a perguntas de tipo “sim ou não” (inna ou kaane)

pra é usado para negar as formas temporários do verbo wanî (estar)

pepîn é usado para negar os outros verbos

pîn é a forma curta de pepîn

1. Anku'pî (Exercícios)

Yairon pe mai wanî ya inna menukakî moroopai yairî pra wanî ya kaane menukakî iwasakkon ya: (escreva sim na frase que está certa e errado na frase que está errada)

1. _____ **ayuse' pra wai.** Eu não te quero.
2. _____ **mararî pra man.** Tem muito.
3. _____ **eporîuya pepîn.** Não vou encontrar.

4. _____ **enaposa sîrîrî**. Estou de volta.

Tarîpai eseurumanto yawon maikon iwaimatî'kî: pra, pepîn, pîn:

1. **Kuwai yuse' pra wai**. Eu não quero buriti.
2. **Apo' eramaya pepîn**. Você não vai ver o fogo.
3. **Moro'yamî' enukupî**. Os peixes subiram.
4. **Pemonkonyamî' enapopî**. As pessoas voltaram.
5. **Itese' pîn arimaraaka**. Esse cachorro não tem nome.

Escreve estas frases no negativo:

1. **Entamoka wai**. Eu quero comer.
2. **Komi pe wai**. Estou com frio.
3. **Si'nîsa wai**. Estou assustada.
4. **Ewaron ya konoï pî uutî**. Vou pescar a noite.
5. **Amooko esenyakai attî penane**. Vovô vai trabalhar amanhã.
6. **Tuna yu'se nan?** Você quer beber água?
7. **Yei erama attî yu' ya**. Você vai buscar pau no mato?
8. **Î' nai a'pia**. O que você tem aí?
9. **Konoï nai a'pia?** Você tem anzol aí?

2. **Makuusi Seru**- jeito de macuxi.

(Eserenkato' ou panto ou tiaron eseeru karemeto')

Todos os participantes presentes fizeram as atividades com bastante esforço, prestando atenção nas construções de cada equipe. As 10h paramos para o lanche, que foi servido de sucos naturais de cupuaçu e de acerola, pão com manteiga e mingau de mungunzá. As 12 horas foram servidas o almoço, tivemos estrogonofe, macarrão, arroz, feijão e salada. As 16 horas tivemos o lanche que foi servido frutas: maçã e laranjas, sucos com bolachas. Para finalizar o padre fez as divisões das atividades conforme o cronograma das gramáticas. As 19 horas foi concluído a atividade do dia com um jantar, da qual tivemos sopa de frango com verduras e sucos.

A quinta atividade foi realizada no dia 05 de outubro de 2019, aconteceu o quinto encontro de estudo para construir a gramática pedagógica

na língua macuxi. O encontro iniciou às 7h e 30min com um café da manhã servido com mingau de tapioca, pão com queijo, café com leite e frutas, com a participação de 11 pessoas. Em seguida, a dinâmica foi para que cada professor presente apresentasse a tarefa construída. O primeiro a apresentar o seu trabalho construiu apenas diálogos na Língua Macuxi, o padre pediu que refizesse seu trabalho conforme a estrutura da qual está se trabalhando. Em seguida duas professoras apresentaram o que construíram ficando assim:

Eseurímanto' (Diálogo)

1. Sîrîrî pe tamî' nawîrîkon eyenupaton yamî eerepamî, Seurîwîne Yewan pona?

2. Kane, tiarokon eyenupatonkon to' iipî pra man.

1.Î' kaima anna eseuruma kure'ne yonpayamî yakîrî moria, to' aisa pra wanî ewanî enen?

2. Tu'ke para tane pemonkon, anna eseurîma mîrîrî warantî.

1.Î'kaixarî weyu to' eseuruma, tu'kan weyu?

2. Kanne, mararî weyu, saakîrîrî nikin weyu.

1.Î'entamo'kan, seeni to' emurukontînto wanî, Mararî pra moro' yapîsipî toman?

2. Kane, î'pepîn yapîsipî to' para man. Mararî pra paaka apun, kariwana nekin man.

1. Pena tamî' nawîrî yonpakon asarîpî seeni warantî?

2. Inna, tiaron pensa to' aasarîpî moreyamî yenupa sipiatîsa taane.

Makuusi pe karemeto' pe awanî (Gramática)

Seeni warantî anna koneeka, ipensa pemonkon ou yemannenkon, tonpara wanîya.

Seneyeka yana'toya.

Existem pronomes com as pessoas ou coisas quando estas não são indefinidas, por isso chamados pronomes indefinidos. Aqui uma lista:

î' pepîn - <i>nada</i>	mararî - <i>pouco</i>
ku'rene- <i>muito</i>	mararî pra- <i>muito</i>
mararon pepîn- <i>muito</i>	
tu'ke - <i>muito</i>	tu'kan- <i>muitos</i>
tamî'nawîrî- <i>tudo</i>	tamî'nawîrîkon - <i>todos</i>
tiaron - <i>outro</i>	tiaronkon - <i>outros</i>

Anku'pî (Exercícios)

1. Anîïkan mukurusa tamî`nawîrî Seurîwîne Yewan pona?

2. Í'era'po wei kaisîrî to' ako'mamî miarîya?

3. To' eseuruma maimu ikukî seeni pata.

4. Î'pî to entamo'ka?

5. I'pî to'seuruma?

Makuusi Seru

(Eserenkato' ou panto ou tiaron eseeru karemeto')

Os demais trabalhos foram apenas para revisão de pontos que tinham ficado incompletos, fora da estrutura. Ao meio-dia foi feito um intervalo para o almoço. O almoço foi servido com frango frito, arroz, macarrão, feijão, farinha, salada. Foram servidos sucos de acerola e abacaxi. Às 14 horas retomamos o estudo, cada participante continuou fazendo revisões de trabalhos ajudando um ao outro na digitação. Às 16 horas foi feito intervalo para lanche.

No lanche foi servido, suco de cupuaçu com bolachas. Após o lanche

todos os participantes se reuniram para verificar os trabalhos construídos através de slides, a dinâmica era para que todos observassem e dessem suas opiniões para concertar algo juntamente com o padre linguista. Às 19 horas concluímos o trabalho em seguida foi nos servido um jantar com sopas de verduras variadas e um mingau de tapioca.

A sexta atividade foi desenvolvida no dia 09 de novembro de 2019, tivemos o sexto encontro para construir a gramática pedagógica da Língua Macuxi. Estiveram presentes os 9 participantes. Às 7 horas e 30 min, fomos servidos com café da manhã. Às 8 horas iniciamos as atividades entregando as lições para o padre e ele recebia e passava para o seu notebook e começava a fazer revisão, conforme as organizações eles entregavam aos autores e repassava as instruções para que fosse trabalhado de novo concertando as pendências. Assim todos os participantes refizeram seus trabalhos. No final do estudo as 18 horas o padre nos informou que a partir daqueles trabalhos entregue estaria saindo um boneco da nossa gramática, ficamos todos feliz. O padre nos falou que no próximo encontro nos entregaria para serem preenchidos os espaços que tinham ficado em brancos. Assim o estudo foi excelente, tivemos almoço ao meio-dia, lanche às 16 horas e anoite o jantar.

Após completar o 6º encontro como havíamos planejado para o ano de 2019, teve necessidade de se realizar mais um encontro, que aconteceu nos dias 27 e 28 de dezembro de 2019. O encontro iniciou com um café da manhã. Em seguida, deu-se o início da atividade da construção da gramática pedagógica, com verificação na apostila de inglês e português. Após a verificação da apostila, os professores começaram a verificar as páginas do boneco da gramática, observando erros de digitação, de conteúdo elaborado, preenchimento de lacunas incompletas etc.

Nos dois dias foram trabalhadas as verificações minuciosas do que estava faltando na gramática, assim fechamos o ano de 2019 com 07 encontros e 06 participantes.

Em 2020, iniciamos o primeiro encontro no dia 21 de fevereiro, fazendo revisão de assuntos incluídos no boneco, estiveram presentes cinco participantes. O encontro iniciou às 8 horas, com intervalo de lanche, almoço e encerrou com um jantar as 18h e 30 minutos. No encontro realizado nos dias

21 e 22 de fevereiro de 2020 na sede da OPIRR em Boa Vista, o Boneco 02 foi entregue aos participantes. O assessor explicou que no Boneco 02, havia novas lições inseridas (por exemplo, 2a, 2b, 2c) e outras lições que foram combinadas numa só lição (por exemplo, lições 24 + 28 = uma só lição). Nesse encontro, a previsão era de revisar em grupo os diálogos nas páginas 01 a 51 do Boneco 02, foram revisados 26 diálogos nesses dias e ficaram faltando mais 21 diálogos para ser revisados.

Os 21 diálogos do boneco 02 foram distribuídos entre os professores presentes para fazer em casa e retornar no próximo encontro. As lições no livro são enumeradas e distribuídas para cada professor revisar:

Um participante ficou na correção das páginas 53, lição 22; página 55, lição 23; página 57, lições 24,28; página 59, lição 25.

Um participante ficou com a correção da página 61, lições 26, 31,32; página 63, lição 27; página 65, lição 29; página 67, lição 30.

Dois participante ficaram com a correção da página 69, lição 33; página 71, lição 36, página 73, lição 36b; página 75, lição 37; página 77, lição 38.

Um participante ficou com a correção da página 79, lição 38b; página 81, lição 39; página 83, lição 40; página 85, lição 4.

Um participante ficou com a correção da página 87, lição 42; página 89, lição 43; página 91, lição 44; página 93, lição 45.

Após o mês de fevereiro, não foi possível nos encontrarmos pessoalmente, por causa da pandemia. O encontro programado para 27 e 28 de março de 2020 foi cancelado por causa da corona vírus e seguindo as orientações do governo de manter o isolamento em casa, em consequência disso, tivemos que mudar a metodologia de trabalho.

Como não seria possível nos encontrar em março para revisar juntos os diálogos, o assessor Padre entrou em contato com os participantes pelo grupo “Gramática da Língua Macuxi” de WhatsApp no dia 03 de março e logo no dia 04 de abril, pedindo para que cada professor que tinha ficado responsáveis pelas lições, enviasse ou trouxesse suas revisões para ele na cidade, ou enviar por WhatsApp. Vários professores seguiram esta metodologia, escreveram cada diálogo numa página, fizeram uma foto da página e a postaram no grupo de WhatsApp. O assessor logo digitou os diálogos, formando o “Boneco 03”.

As revisões foram entregues entre 23 de março e 17 de junho. A próxima etapa foi prosseguida com a tradução dos 47 diálogos do Macuxi para o português pelo assessor Pe. Ronaldo. Os diálogos em Macuxi e as traduções portuguesas foram revisados por um professor da comunidade Xumina, região da Raposa. Este trabalho de revisão foi realizado pelo WhatsApp, de 01 de julho a 08 de julho de 2020. O padre assessor logo preparou o Boneco 03 em formato PDF para ser enviado ao grupo no início do mês de agosto.

No mês de agosto tivemos três encontros virtuais. O primeiro aconteceu no dia 13, nesse dia, estiveram presentes 04 pessoas: o padre que mediu o encontro, uma professora, eu (Adine) e a coordenadora da OPIRR. Iniciou às 9 horas e encerrou as 10 horas, tivemos uma hora de encontro. O encontro foi para socializarmos o nosso trabalho que estava parado por causa da pandemia.

O primeiro ponto tratado foi a questão da continuidade dos encontros e que os encontros fossem virtuais, após a explicação do mediador todos os presentes concordaram em realizar os encontros virtuais. Outro ponto foram os informes sobre o andamento da publicação da gramática, o mediador perguntou se já se tinha em mente a quantidade de exemplares, a coordenadora da OPIRR sugeriu que fossem 20 mil exemplares, e todos concordaram. O padre também informou que a Diocese de Roraima já estava com dinheiro para a publicação. Por fim, foi falado sobre assunto da gramática, que na parte cultural os desenhos e figuras ficariam de cores preto e branco. Os exercícios construídos devem ficar escritos somente na língua macuxi.

O encontro encerrou com proposta da professora que sugeriu encontro presencial para os participantes trabalhar os vocabulários, ficando a sugestão em análise. O mediador então agradeceu a todos e encerrou o encontro.

O segundo encontro aconteceu no dia 18, tiveram presentes três pessoas, eu (Adine), uma professora e o mediador padre. O encontro durou meia hora por falta de participantes. Muitos tiveram problemas em acessar a internet, portanto o mediador deu os informes do prosseguimento do diálogo com o diagramador, como estava indo o trabalho e sugeriu que o dia 25 para realizar novo encontro, foi concordado com os demais e deu por encerrar o encontro.

No dia 25, iniciamos o encontro às 9 horas e encerrou às 10h. Participaram do encontro dois professores, eu (Adine), a coordenadora da OPIRR e o padre o mediador. O encontro serviu para ajustar no andamento do trabalho da gramática, que em setembro iria para a gráfica após a conclusão que precisaria de um encontro presencial para terminar. Nesse encontro também foi tratado como que a OPIRR iria organizar a forma de entregar para as escolas, as vendas, quem seriam os responsáveis em receber os produtos. A coordenadora da OPIRR, disse que a sua equipe juntamente com os professores autores da gramática se responsabilizariam de fazer esse trabalho. Como a sugestão de se reunir presencial estava em análise, sugerimos que acontecesse nos dias 04 e 05 de setembro. Acatada a sugestão, foi encerrado o encontro. Assim, a revisão do boneco 03 foi feita de forma virtual em seguida deu-se o início da organização do boneco 04 até com pretensão para concluir no final do mês de setembro.

No mês de setembro como havia sido combinado o encontro presencial, foram realizados os trabalhos nos dias 04 e 05, chegaram 10 participantes, foram tomados todos os cuidados necessários para se trabalhar, como por exemplos, os participantes não ficavam próximos dos outros, cada um tinha seu álcool em gel e usaram suas máscaras.

Nesses dois dias foi trabalhada a versão do boneco 04, mais especificamente para corrigir o que estava faltando. Além da revisão final do boneco 04, iniciou-se a construção da versão para enviar a editora da UFRR.

Um professor criou 24 textos pequenos para suprir a falta da parte do ponto cultural da gramática, os demais professores presentes trabalharam nas correções de diálogo, gramática e exercício. Além disso, os professores construirão um glossário para a gramática e entregaram via WhatsApp para o assessor. Foram servidos café, almoço e jantar para os presentes.

Após o término do trabalho foi sugerido que os professores fizessem revisão minuciosa na gramática, então se prontificaram os três professores, para se encontrar na OPIRR, nos dias 19 e 20 de setembro e revisar o trabalho. Feito isso, foi encerrado o encontro com bastante ânimo.

No mês de outubro, o padre trabalhou na produção do livro, revendo alguns ajustes, ele também recebeu dos professores o glossário que foi feito

para cada lição da gramática construído na Língua Macuxi e língua portuguesa. A necessidade de se construir um glossário foi à determinação dos autores em construir a gramática pedagógica somente na Língua Macuxi. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 6: Lição 01

Makuusi pe	Karaiwa pe	Makuusi pe	Karaiwa pe
aweetaruuma'ti	está sofrendo	pri'ya	saúde
Epaakisa	Saiu	tekkarikon	comida dele/dela
Maipa	Ingá	yannuukî	juntar, colher
Mope	taperebá	Yekku	suco
more'	murici graúdo	Yoroi	Caju

Quadro 7: Lição 02

Makuusi pe	Karaiwa pe	Makuusi pe	Karaiwa pe
eseerenkapiti'pi	Cantavam	mananuto'	dança
Eseumenkanto	Pensamento	samantasa	morreu
Karaiwayami'	Branços	tipami'pi	acabou
ko'manito	Vida	umaimukon	nossa língua
mananupiti'pi	dançavam	uyeeseruukon	nossa cultura

Quadro 8: Lição 03

Makuusi pe	Karaiwa pe	Makuusi pe	Karaiwa pe
eeko'mimasa	tem fibre	kinimi'ti	não deixe
eepiri'pimi	Melhorar	Nuaxu	diarréia
Iteeparan	a doença dela	pia'san	Pajé
iteepi'	a cura dela	Tiwinxari	sozinho
karemeto'piiya	vai dizer	yantopiya	para ela comer

Quadro 9: Lição 04

Makuusi pe	Karaiwa pe	Makuusi pe	Karaiwa pe
a'nai	Milho	piikatipi	ajudou
apo'keme	Lenha	Piipi	irmão de mulher
Eseeru	jeito, costume	sa'	batata
Esenyakama	trabalhar	Wirixi	irmã de homem
kia'wari	Mingau	Wuku	bebida

Fonte: Autora, 2021.

No final do processo o padre procurava algumas vezes um dos professores para lhe ajudar online ou presencial de forma bem cuidadosa,

sempre usando álcool em gel e máscara. No final do mês após rever a gramática ele enviou para editora gráfica.

No mês de novembro, ficamos acompanhando o trabalho da gramática através do padre que postava através de WhatsApp as informações sobre o procedimento da gramática, como por exemplo, a diagramação do livro, de como estava ficando a capa, os desenhos ou figuras que iriam ficar na capa, as cores que iríamos usar, nesse mês foram acompanhados todos esses cuidados minuciosos. Assim que terminou o trabalho, foi enviado para gráfica de Minas Gerais.

Em dezembro, o padre ficou aguardando a chegada da aprovação da gráfica em Minas Gerais, para fazer revisão e com o diagramador fazer as modificações finais.

Assim, o trabalho da construção da gramática pedagógica da Língua Macuxi chegou ao fim. O lançamento do livro ficou marcado para o dia 22 de janeiro de 2021.

Todos os autores foram comunicados sobre isso e ficamos todos felizes, quase sem acreditar na conclusão de um trabalho árduo, enfrentando várias situações, mas conseguimos realizar o nosso sonho, sonho esse que foi construído junto, pensando nas dificuldades que as crianças e jovens indígenas passam sem ter seu material para estudar a Língua Macuxi, que se foi proibida de ser usados anos atrás.

Muitas das vezes os professores indígenas são decepcionados pelo MEC, ou pelas Instituições que iniciam uma cartilha ou livro e acaba não sendo publicado para servir de recurso para as escolas.

No final do trabalho foi oferecida a cada professor (autor) uma ajuda técnica de um notebook ou de um Datashow, para ajudar no trabalho de ensino de Língua Macuxi, essa ajuda veio das doações dos católicos canadenses, através do Instituto dos Missionários de Scarboro, que apoia a revitalização das Línguas Indígenas da Ameríndia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até chegar ao objetivo final, que é a culminância da construção da gramática, percorremos um caminho difícil de trilhar, que parecia ser com algo simples mais para cada um houve justificativa.

Em primeiro lugar, foram às dificuldades que se deu pelos deslocamentos das comunidades indígenas até a cidade de Boa Vista, o local mais próximo percorria uns 130 km aproximadamente e o mais distante chegava a 400 km. Além das comunidades serem longe da cidade, no inverno era enfrentado estradas com as buraqueiras e atoleiros. Uma das colegas que morava a 400 km, por exemplo, saía de sua comunidade pela manhã e chegava na cidade de Boa Vista à tardinha ou à noite. Tudo isso, por não ter bom acesso na estrada.

Enfrentávamos também os perigos de assaltos de bandidos na BR 174, que com a imigração dos venezuelanos se tornou bastante perigoso, nas ruas da cidade e nas estradas. Alguns não tinham transporte próprio isso também às vezes dificultava a chegada à cidade no dia combinado e com a pandemia, devido à instabilidade da internet nas comunidades, dificultou a participação à distância de muitos.

Outra dificuldade foi que alguns professores participantes da construção da gramática não tinham casa própria para se aconchegar em Boa Vista. No entanto, a OPIRR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima), contribuiu cedendo a sua sede para que os professores se alojassem. Vale citar que os autores também tiveram mais apoio, além da casa cedida pela OPIRR, a Diocese de Roraima ajudou com a alimentação e passagem.

Nesse sentido, destacamos pontos de grande valia para que se compreenda a importância de como a gramática da Língua Macuxi foi pensada e por quem foi pensada. Numa realização da XXV Assembléia dos Professores Indígenas de Roraima, que aconteceu na Comunidade dos Três Corações em 2018, mais uma vez ouvimos as reivindicações das lideranças dizendo: “vamos construir nosso material específico na nossa língua, no nosso conhecimento”. Portanto, o povo indígena não se cansava de implorar pelo material que por

sua vez serviria como ferramenta para o professor de ensino fundamental II até o ensino médio na sala de aula. Isso, foi resultado de várias reivindicações em assembléias da OPIRR e das lideranças indígenas, que lutam para que os estudantes das escolas indígenas aprendam a falar, a escrever e a ler na Língua Macuxi. Dessa forma, houve uma preocupação da coordenadora da OPIRR, com as reivindicações e lutou juntamente com o povo para que a tal gramática fosse construída para uso no ensino da Língua Macuxi nas escolas indígenas de Roraima em que tal Língua compõe o seu currículo, para valorizar a identidade do indígena Macuxi.

O resultado mostrou a disposição da grande maioria dos participantes em realizar o trabalho, buscando forças de vontade para alcançar com êxito o objetivo planejado. Apesar das dificuldades encontradas, o estudo se realizou com sucesso ao ponto de estar concluída a gramática pedagógica esperando a sua publicação para janeiro de 2021.

Atualmente, com o conhecimento de nossos direitos, apoio de instituições, e o conhecimento de que cabe a nós, indígenas, sermos protagonistas para atingir nossos objetivos, proporcionar uma educação que valorize e mantenha a nossa cultura.

Elaborar mais uma Gramática Pedagógica na Língua Macuxi para o povo indígena foi mais um avanço. Num diálogo com uma das autoras foi dito que: “apesar das dificuldades encontradas, foi realizado mais um sonho nosso, de ter uma gramática que será fundamental para ajudar no material pedagógico das nossas escolas indígenas. Isso permitirá, ou melhor, facilitará os conhecimentos de identidades étnicas e valorização de línguas e ciências do nosso povo Macuxi”. (2020)

O resultado mostrou a disposição da grande maioria dos participantes em realizar o trabalho, buscando forças de vontade para alcançar com êxito o objetivo planejado. Apesar das dificuldades encontradas, o estudo se realizou com sucesso ao ponto de estar concluída a gramática pedagógica da Língua Macuxi. Assim, o lançamento do livro foi feito no dia 11 de janeiro de 2021, as 10 horas, pela editora da UFRR, transmitidos pelos canais da Diocese no Youtube e no Facebook, na coordenação da professora Ananda Machado do Instituto Insikiran.

Nesse dia, foi um dia muito especial, os autores não imaginavam o valor de se ter um trabalho realizado. Todos esperavam ansiosos para ser realizado o lançamento do livro, nisso deu-se o início do evento, as mesas foram compostas pela coordenadora da OPIRR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima.), dois autores do livro, também compuseram a mesa o padre Ronaldo e o Dom Mario Antônio, Bispo da Diocese de Roraima. Cada componente da mesa teve 10 minutos de fala. Suas falas foram de suma importância, que no decorrer da construção houve sim vários momentos desanimadores sentimos cansaços, algumas vezes dores de cabeça por não conseguimos expor com facilidades o que escrevíamos, etc.

Foi muito gratificante, não tivemos palavras para nos expressar, só tivemos que agradecer a Deus em primeiro lugar que nos deu fôlego e nos protegeu da pandemia, agradecemos também aos demais colegas que nos ajudaram indiretamente nos dando força moral para realizar o trabalho. Assim, podemos encontrar o livro na sede da OPIRR e no link <https://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=486>.

Os pontos expostos acima nos remetem a imagem do sofrimento dos nossos antepassados que foram massacrados, obrigados a deixar de falar suas línguas originárias simplesmente por não conhecer os seus direitos, esse direito que nos assegura a viver a nossa cultura, a nossa tradição, o nosso eu, de ser indígena.

Atualmente, com o conhecimento de nossos direitos, apoio de instituições, e o conhecimento de que cabe a nós, indígenas, sermos protagonistas para atingir nossos objetivos, proporcionar uma educação que valorize e mantenha a nossa cultura.

Optei em descrever o processo de construção da Gramática, conforme meu olhar e percepção, para que fique registrado que mesmo com dificuldades é possível realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

AMÓDIO, Emanuele e Vicente Pira. “Makusi Maimu. Guia para a aprendizagem e dicionário”, 3ª edição revisada por Pe. Ronaldo Beaton MacDonelle seus colaboradores, 2007 [1996, 1983], Manaus, Editora Valer.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995. 128p.

AURELIO, **O minidicionário da língua portuguesa**. 4a edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

_____. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Referenciais para a formação de professores indígenas/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2002. 84 p.

BRITO, Maria Edna de. **O Currículo nas falas dos macuxi da maloca do Barro: do prescrito ao desejado**. (Tese de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – UNIVALI), 2015.

EAGLETON, Terry, A ideia da cultura, coleção memórias do mundo, 2002.

EAGLETON, T. A idéia de cultura. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

EMIRI, Loretta. **O Núcleo de Educação Indígena de Roraima e a Conjuntura Nacional da Educação Escolar Indígena**. Acervo ISA. Boa Vista – RR. 1992.

FABRE, Michael. **Fazer de sua vida uma obra**. Educação em Revista. Belo Horizonte.

v. 27, n.1. p.347-36, 2011. Disponível

em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100016. Acesso em: 7 abr. 2018.

FERREIRA, José Ângelo Almeida Ferreira. **Magistério Indígena TAMÍ'KAN: Centro Estadual de Formação dos Profissionais em Educação de Roraima – CEFORR. Uma Análise de Conteúdo**. Universidade Estadual de Roraima. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRR. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 2020. 88p.

GABRIEL, Gilvete de Lima. Narrativa autobiográfica como prática de formação e de atualização de si : os grupos referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. 2009. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

GROLLA, Elaine. **A aquisição da linguagem**: Material didático desenvolvido para o Curso Letras – LIBRAS (UFSC), 2006.

GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira. **Sonoridade**. Glossário Ceale. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores. Universidade Federal de Ouro Preto.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da, LOURO, Guacira Lopes. 7 eds. Rio de Janeiro: DPeA, 2002, 104 p.

HAMEL, R. E. **Conflito sociocultural y educación Bilingüe. El caso de los indígenas Otomies em México**. Revista Internacional de Ciencias Sociales – La interacción por medio del lenguaje. Paris: UNESCO, 1984.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O Índio Brasileiro: **o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LaCED/Museu Nacional. Brasília, 2006.

MACHADO, Ana Maria Netto (Org.). A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. p. 67-87

MACDONELL, Ronaldo Beaton, Dr. Pe.Organizador, e Professores(as) da Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR), “Makuusipe Karemeto’pe Awanî. Uma Gramática Pedagógica da Língua Macuxi”, 2020, Boa Vista, Editora UFRR.

MAIA, Marcus. **A Revitalização de Línguas Indígena e seu desafio para a educação intercultural bilíngue**. Tellus, ano 6, n. 11, p. 61-76, out. 2006.

MANDULÃO, Giovana *et al.* Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando os povos Macuxi e Wapixana de Roraima, Brasil. **Revista Eletrônica Tempus**, Actas de Saúde Coletiva, Capa v.6, n. 1, 2012.

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 559 p.

PERAZZO Priscila F. **Narrativas Oraís de Histórias de Vida**. Oral NarrativesOf life stories. Comunicação e inovação PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **A língua como objeto da linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.) Introdução a linguística. 6. ed. Revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

POULANTZAS. Nicos. O estado, o poder, o socialismo. São Paulo: Paz e Terra. 2000

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Aculturação**. Sociologia. Mundo Educação. Disponível em: . Acesso em: 23 nov 2020.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 1982. p. 17-30 (A filosofia na formação do educador).

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: II**. Técnicas y Análisis de Datos. Madrid: La Muralla, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA. Maria do Socorro Pimentel da. **O papel do mito na Revitalização Cultural da Língua Karajá**. Tese de Doutorado. São Paulo. PNC- SP, 2001

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, Universidade de Murdochv. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928T759Í Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação / Augusto Nivaldo Silva Trivifios. --São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Jaci Guilherme. Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra-1777 a 1980/Jaci Guilherme Vieira-2. ed. revista e ampliada. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014. 241 p.: il.